



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras



**ProfLetras**  
Unidade Pau dos Ferros

JOCIÉLIA FRANCISCA DE SOUSA

**LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO  
FUNDAMENTAL POR MEIO DAS OBRAS “DONA BARATINHA” E “MENINA  
BONITA DO LAÇO DE FITA” DE ANA MARIA MACHADO**

PAU DOS FERROS - RN  
2019

JOCIÉLIA FRANCISCA DE SOUSA

**LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO  
FUNDAMENTAL POR MEIO DAS OBRAS “DONA BARATINHA” E “MENINA  
BONITA DO LAÇO DE FITA” DE ANA MARIA MACHADO**

Dissertação apresentada ao Programa PROFLETRAS –  
Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de  
Letras, do Campus avançado Prof<sup>a</sup> Maria Elisa de  
Albuquerque Maia (CAMEAM) a Universidade de Estado  
do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito para o  
título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Pessoa Sampaio

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

F819I FRANCISCA DE SOUSA, JOCIÉLIA  
LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO  
LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DAS  
OBRAS DONA BARATINHA E MENINA BONITA DO  
LAÇO DE FITA DE ANA MARIA MACHADO. / JOCIÉLIA  
FRANCISCA DE SOUSA. - Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte, 2019.  
122p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa  
Sampaio.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado  
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

1. Leitura literária. Sequência básica. Letramento  
Literário. Formação do leitor.to maravilhoso.. I. Pessoa  
Sampaio, Maria Lúcia. II. Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte. III. Título.

A dissertação, **LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DAS OBRAS “DONA BARATINHA” E “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA” DE ANA MARIA MACHADO** autoria de **JOCIÉLIA FRANCISCA DE SOUSA**, foi submetida à banca examinadora, constituída pelos professores listados a seguir, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação defendida e aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio – Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN  
Presidente – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido/UFERSA  
(Examinadora externa)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Diana Maria Leite Lopes Saldanha  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN  
(Examinadora interna)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lilian de Oliveira Rodrigues  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN  
(Suplente)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a minha mãe, professora Fransquinha (in memoriam), por ser a base de todas as minhas conquistas e aos meus sobrinhos, Murilo, Mirella e Letícia por serem inspiração para meus dias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Francisco e Francisca, pela educação e incentivo recebidos ao longo da minha trajetória e em especial a minha mãe (in memoriam) por sempre me incentivar e acreditar no meu sucesso profissional e ter sonhado junto comigo esse mestrado, embora não esteja aqui para me acompanhar como em todas as outras conquistas da minha vida.

Aos meus irmãos, Hélio, Jailson e José Célio pela torcida e por mesmo distantes estarem sempre comigo em dias de luta e dias de glória, principalmente a Célio pelas diversas vezes que foi me deixar e buscar nas inúmeras viagens para Pau dos Ferros.

Aos meus sobrinhos, Murilo, Mirella e Letícia, por todo amor e confiança que depositam em mim, e em especial, a pequena Letícia, por ser raio de luz nos dias escuros e por me encher de esperança diante das dificuldades da vida.

À Universidade do Estado do Rio grande do Norte (UERN) por fazer o mestrado profissional em Letras (Profletras) ser bem-sucedido e ver na pesquisa científica a porta para novos conhecimentos.

A todos os professores do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de A. Maia” que estiveram lecionando para a turma IV do Profletras. Os senhores nos oportunizaram não somente conhecimentos científicos, mas a certeza de que a educação transforma vidas e é com esse propósito que voltamos as nossas escolas, na certeza de que melhoraremos o ensino de língua portuguesa e auxiliaremos na construção de uma sociedade mais crítica, justa e participativa.

Agradeço a minha orientadora, Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio, pela valiosa e competente orientação, como também por toda paciência e humanidade durante essa etapa. Mais do que uma orientadora, és inspiração no desenvolvimento desse trabalho com a leitura literária.

Aos professores participantes da banca de qualificação Prof.<sup>a</sup> Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa e Prof.<sup>a</sup> Dra. Lilian de Oliveira Rodrigues. Sou grata pelas contribuições, sugestões e indicações de leituras e de alterações no projeto de qualificação.

Aos meus colegas da turma IV por cada conselho, sorriso, abraço e conhecimentos compartilhados. Em especial aos meus colegas que se tornaram

amigos íntimos: Daniela, Patrícia, Carlos e Luiza, sou grata por todas as experiências que compartilhamos.

A minha amiga Erika Carla, por ter me incentivado a fazer a inscrição, pela carona para realizar a prova e por ter me apresentado Pau dos Ferros. Agradeço também por todo apoio e incentivo durante essa etapa que se iniciou no momento mais difícil da minha vida, sem você eu não teria conseguido!

Aos amigos, dentre eles destaco Ivan Sousa, Francieuda Oliveira, Petrucia Tomaz, Maria do Céu, Danilo, Dayane, Arthur Diego, Fabielly e Michele por caminharem junto comigo e mais do que isso me segurarem em todas as batalhas que tenho travado com a vida. Sem o apoio, amor e confiança de vocês, essa conquista seria impossível.

As escolas e respectivas diretoras pela compreensão durante todo esse percurso.

Aos meus pequenos participantes da Intervenção por acreditarem desce cedo no poder transformativo da literatura.

A Deus ou força de positividade do universo por ter me guiado e segurado na minha mão quando diversas vezes eu quis cair.

Enfim, a todos os colegas que caminharam juntos, compartilhando alegrias, novas experiências e que estiveram comigo ao longo desses anos. A todos que contribuíram de alguma forma para a concretização desse trabalho ficam os meus sinceros agradecimentos.

Não sei se seria sonhar muito. Mas acredito que, se desde o início, for dada aos alunos a oportunidade da leitura plena (do livro e do mundo) – aquela que desvenda, que revela, que lhes possibilita uma visão crítica do mundo e de si mesmos –, se lhes for dada a oportunidade da leitura plena, repito, uma nova ordem de cidadãos poderá surgir e, dela, uma nova configuração de sociedade.

(Irandé Antunes)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como foco discutir a importância da formação do leitor literário a partir da Sequência Básica de Cosson (2017). Nosso objetivo geral foi analisar como a sequência básica de Cosson pode auxiliar na formação literária dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental com base nas obras “*Dona Baratinha*” e “*Menina Bonita do Laço de Fita*” de Ana Maria Machado. Em virtude do objetivo geral e da proposta de intervenção executada, essa pesquisa possui uma abordagem descritiva e interventiva. Para melhor sistematização da discussão acerca do Letramento Literário e sua contribuição na formação de leitores críticos, foram selecionados alguns autores, sendo eles: Cândido (1995), Cosson (2007), Soares (2006), Geraldi (2012), Antunes (2009) e outros. A partir da leitura e da sistematização das seções que serão contempladas no decorrer da pesquisa, torna-se possível entender melhor a discussão temática e suas contribuições na formação do sujeito como leitor, ressaltando a importância de uma formação de leitores por prazer e entendimento crítico que sejam capazes de ressignificar o contexto em que estão inseridos. A intervenção foi desenvolvida em uma turma de 3º Ano na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental de Bandarra, localizada no Distrito de Bandarra, zona rural do Município de São João do Rio do Peixe-PB. Para este fim, elaboramos uma sequência de atividades com base na Sequência Básica (COSSON, 2014) utilizada com as obras *Dona Baratinha* e *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, usamos gravações de vídeo, registros de atividades no caderno literário dos alunos, aplicação de questionários e registros fotográficos. Nesta perspectiva, a sequência aqui descrita contribuiu para a formação dos leitores literários do distrito de Bandarra, isto é, após a aplicação da nossa intervenção os alunos demonstraram: gosto pelo ato de ler, interesse por outras obras literárias, participação mais efetiva na sala de aula, desenvoltura em apresentações ao público, afeto pelo lugar onde moram. Todos esses resultados tornaram-se possíveis porque a literatura, quando trabalhada de forma viva, encoraja os indivíduos a acreditar em si mesmo e no mundo que os cercam.

Palavras-chave: Leitura literária. Sequência básica. Letramento Literário. Formação do leitor.

## ABSTRACT

This research has as focus to argue the importance of the formation of the literary reader. One searches to reflect in the perspective of that, to form citizens scholars, it is necessary to construct a familiarity of the reader with the literary composition. One is about a qualitative research with descriptive and interventiva boarding, that has as objective generality; To analyze as the basic sequences of Cosson can on the basis of assist in the literary formation of the pupils of 3<sup>o</sup> year of Basic Ensino based on the workmanships “Dona Baratinha” and “Menina Bonita do Laço de Fita” of Ana Maria Machado. For better systematization of the quarrel concerning the Literary Letramento and its contribution in the formation of critical readers, some authors had been selected, being they: Cândido (1995), Cosson (2007), Soares (2006), Geraldi (2012), Antunes (2009) and others. From the reading and of the systematization of the sections that will be contemplated in elapsing of the research, one becomes possible to more good understand the thematic quarrel and its contributions in the formation of the citizen as reading, standing out the importance of a formation of readers for pleasure and critical agreement that are capable to ressignificar the context where they are inserted. The intervention was developed in a group of 3<sup>o</sup> Year in the Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental de Bandarra, located in the District of Bandarra, agricultural zone of the City of São João do Rio do Peixe-PB, for this end, we elaborate sequences of activities on the basis of the Basic Sequence (COSSON, 2014) used with the workmanships Dona Baratinha and Menina Bonita do Laço de Fita of Ana Maria Machado. How much to the instruments of collection of data, we use writings of video, registers of activities in the literary notebook of the pupils, photographic application of questionnaires and registers. In this perspective, we present as the work with the cited workmanships had contributed to help the pupils to develop the taste for the literary reading. The research also in made possible them to ressignify the lessons of literature in cited room e, to the end, obtains to develop next to the characteristic pupils of a literary reader.

**Keywords:** Literary reading. Basic sequence. Literary Literature. Formation of the Reader.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01:</b> Grau de escolaridade do seu pai? .....	77
<b>GRÁFICO 02:</b> Grau de escolaridade de sua mãe?.....	78
<b>GRÁFICO 03:</b> Qual a profissão do pai?.....	80
<b>GRÁFICO 04:</b> Qual a profissão da mãe?.....	80
<b>GRÁFICO 05:</b> Sua família é beneficiada com os programas sociais?.....	82
<b>GRÁFICO 06:</b> Você costuma ler apenas na escola ou quando a escola indica leituras ler em casa?.....	83
<b>GRÁFICO 07:</b> Tem livros em casa?.....	84
<b>GRÁFICO 08:</b> Seus pais fazem leituras coletivas com você?.....	84
<b>GRÁFICO 09:</b> No seu dia a dia alguém te incentiva a realizar leituras?.....	86
<b>GRÁFICO 10:</b> Tem dificuldades com a leitura?.....	87

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- EJA - Educação de Jovens e adultos
- E.M.E.I.F. - Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental
- MEC - Ministério da Educação
- PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PPGE - Programa de Pós-Graduação em Ensino
- PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras
- SB - Sequência Básica
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UERN - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO CAMINHO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. A BASE PARA O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO .....</b>	<b>20</b>
2.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO .....	20
2.2 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	28
2.3 SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA .....	34
2.4 SEQUÊNCIA BÁSICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
2.5 SOBRE AS OBRAS “DONA BARATINHA” E “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA” .....	45
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHO PARA A PRÁTICA .....</b>	<b>50</b>
3.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA: UM CAMINHO A SER MENCIONADO .	50
3.2 UM CANTINHO NO MEIO DO CAMPO .....	53
3.3 OS PEQUENOS CAMPESINOS PROTAGONISTAS .....	55
3.4 APRECIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA INTERVENÇÃO DIDÁTICA .....	56
<b>3.4.1 O uso da sequência básica na formação literária.....</b>	<b>62</b>
<b>4. ANÁLISE : A LEITURA DE UMA REALIDADE EVIDENCIADA .....</b>	<b>76</b>
4.1 SUPERANDO AS DIFICULDADES QUE LIMITAVAM O ACESSO À LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIO .....	76
4.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR .....	86
4.3 DO LIVRO PARA A REALIDADE DO MEU MUNDINHO.....	96
<b>4.3.1 Da leitura em sala de aula para “todos” do meu pequeno cantinho.....</b>	<b>98</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CAMINHO TRILHADO .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>110</b>

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO CAMINHO**

São perceptíveis as dificuldades que a instituição escolar ainda enfrenta na atualidade para atingir com eficácia sua função social perante os cidadãos. Dentre as dificuldades mais notórias, percebemos a falta de aplicações metodológicas capazes de fazer com que os alunos percebam que os conteúdos escolares são elementos importantíssimos para a vida em sociedade.

Ao partirmos desse pensamento, compreendemos os motivos e as crenças que fazem os estudantes ainda observarem a sala de aula como um ambiente isolado da vida real, cuja permanência não atrai o interesse de interagir nele, uma vez que é apresentado como um universo cheio de regras e limitações. Na verdade, falta a alguns docentes, sem distinção de disciplina, a busca por métodos que estimulem os alunos a desenvolverem sua formação como indivíduo crítico e participativo, porque ser autônomo tornou-se uma qualidade indispensável em nossa sociedade

Por isso, pensar formas de potencializar os alunos para a reflexão e ação em seu contexto social é uma de nossas inquietações e fazemos isso através do ensino da literatura. Ensino esse que mobiliza e desperta os sujeitos para pensarem sobre si, sobre o mundo e as relações que nos cercam. Ao despertar para esse processo, os alunos podem passar a enxergar na leitura literária a esperança para uma sociedade mais justa e igualitária. Isso porque estamos inseridos numa sociedade marcada por várias competências culturais, e a leitura literária torna-se uma ferramenta eficaz na formação de leitores proficientes que compreendem através do ato de ler que podemos aguçar a criticidade e demais elementos que fazem um sujeito torna-se emancipado.

Sendo essa uma função da escola, que muitas vezes está preocupada em ensinar a ler e a escrever atendendo normas curriculares e sociais. A discussão deste trabalho, porém, versa sobre a formação do leitor não por meio de manuais específicos, mas de forma livre, autônoma e reflexiva, que deve pautar a formação a partir do letramento literário, para que de fato se tenha como resultado a formação de leitores.

Ao longo da nossa caminhada como docente, percebemos que algumas temáticas, principalmente no componente curricular de Língua Portuguesa, apresentam certas dificuldades de assimilação pelos alunos, e, dentre estas,

encontram-se a aquisição da leitura, cuja temática é alvo de discussões em diversas pesquisas que envolvem o ensino dessa disciplina. Dessa forma, o presente trabalho apresenta um estudo feito a partir da função social da escola, no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa com ênfase na formação do leitor literário. Buscamos investigar como a sequência básica de Cosson (2016) pode auxiliar na formação de leitores críticos e no gosto pela leitura literária.

O interesse pelo ensino de literatura e pela formação do leitor veio a partir das disciplinas de Literatura do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Vernácula no decorrer de 2009 a 2012, ofertado pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus de Cajazeiras-PB, quando em nossas discussões refletíamos sobre a literatura e sua função humanizadora. Observamos a cada debate e a cada seminário apresentado que o ensino de literatura nas escolas precisava ultrapassar a historicidade e o tecnicismo para culminar na motivação pela leitura literária e que esta possa ser vista como meio de transformação da vida e do meio em que os indivíduos estão inseridos.

Esse interesse também foi aguçado em 2015 quando tivemos a oportunidade de participar de uma disciplina da Universidade do Rio grande do Norte (UERN) como aluna especial no Programa de pós-graduação em Ensino (PPGE) cujo tema era a formação do leitor literário. Nessa disciplina, debatemos, refletimos sobre a formação do leitor, sobre os círculos de leitura, sobre o lugar da leitura literária na escola e essas reflexões foram nos motivando a inovar, ressignificar o ensino de literatura na escola. Todavia, a efetivação desse sonho veio a ser concretizado na aprovação do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

O Profletras é um programa de rede nacional que permite aos professores de língua portuguesa cursarem disciplinas voltadas para o ensino de português, intervindo em seus ambientes de trabalho com uma proposta de intervenção e produzindo uma dissertação. Ao participarmos do programa, logo direcionamos nosso olhar para a formação do leitor e buscamos estratégias que nos ajudassem nessa empreitada.

Aliando os estudos acerca da literatura e formação do leitor a nossa visão enquanto profissionais da rede pública e mais precisamente docentes de Língua Portuguesa e por acreditamos no poder transformador da literatura e muitas vezes observamos o texto literário ainda sendo negligenciado nas escolas é que nos

inquietamos em buscar um ensino que oportunize as crianças do Ensino Fundamental o direito ao contato com a leitura literária.

Diante da nossa vontade de poder oferecer aos nossos alunos uma formação pautada no crescimento pessoal e intelectual e mais precisamente despertar o gosto pela leitura a fim de promover em sala o letramento literário. Dessa forma, pretendeu-se contribuir para a formação de sujeitos capazes de agir de forma ativa na sociedade e de ressignificar o espaço que ocupam/vivem.

A busca pelo objeto de pesquisa levou-nos a leitura dos seguintes trabalhos que realizaram pesquisas com temáticas que dialogam com esses estudos e a partir da leitura das seguintes pesquisas: “Ana Maria Machado em sala de aula: leitura literária e formação do leitor” (VIANA, 2015) Ana Maria Machado: Da criação ficcional à crítica – O valor da leitura literária” (Patrocínio, 2014) Letramento literário: a escola como espaço privilegiado para a formação de leitores (SOUZA, 2015). A sequência básica em prol do letramento literário em sala de aula via WEBQDA (SILVA, 2016)

Ao realizarmos a leitura desses trabalhos, identificamos que embora seus objetos de estudos sejam a formação do leitor o corpus de cada pesquisa é diferenciado. A pesquisa de VIANA (2015) apresenta uma proposta metodológica para a formação do leitor a partir das obras: *Quem Perde Ganha* e *o Cavaleiro do Sonho: As aventuras de Dom Quixote de La Mancha* da escritora Ana Maria Machado.

A dissertação de Patrocínio (2014) aborda a criticidade nas obras de Ana Maria Machado e como essas colaboram na formação do leitor literário. A pesquisa de Souza (2015) tem como objeto de análise a formação do leitor a partir das obras de Lygia Bojunga. E nossa última leitura teve como base a dissertação de Silva (2016) que também trouxe a formação do leitor com base na sequência de Cosson, porém difere da nossa porque seu corpus foi o aplicativo WEBQDA.

Após finalizarmos a leitura desses trabalhos, observamos que a nossa pesquisa difere nos seguintes aspectos: por abordar a formação do leitor a partir da leitura literária com um público até então não trabalhado em pesquisas do PROFLETRAS dessa Unidade de Ensino, o público alvo por ser crianças de faixa etária entre 8 e 9 anos; A abordagem das obras “Dona Baratinha” e “Menina Bonita do Laço de Fita” numa perspectiva de fruição literária e, por fim, a pesquisa aplicada em um ambiente campesino.

Gostaríamos de frisar que mesmo diante da possibilidade de aplicarmos a intervenção com os anos finais do Ensino Fundamental, optamos por levar o texto

literário para o 3º Ano por considerarmos ser importante pensar na formação do leitor literário desde os anos iniciais. Percebemos diante dos estudos realizados que os anos finais são predominantes na pesquisa e acreditamos que se os professores de Língua Portuguesa investissem mais na formação de leitores de leitura literária nos anos iniciais ao chegar nos anos finais teríamos leitores proficientes com gosto literário crítico, o que contribuiria para um trabalho mais amplo sem necessidade de iniciar pela aproximação do texto ao o leitor.

A definição de letramento descrita por Soares é “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura” (SOARES, 2006, p. 18). Essa perspectiva é significativa para a amplitude do termo letramento, já que este não se configura apenas no ler e no escrever, mas sim no domínio sobre práticas sociais da escrita e da leitura.

Nesse caso, o letramento literário seria conceituado como requisito ou estado de quem não apenas é capaz de decodificar texto em verso e em prosa, mas de quem o domina e se apropria, abandonando a condição de mero expectador para a condição de leitor literário ou, mais precisamente, “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO & COSSON, 2009, p. 67). Desse modo, é pertinente compreender que o letramento literário não é apenas uma competência padronizada de ler textos literários, haja vista que requer uma inovação efetiva do leitor em relação ao mundo literário (FRANCO, 2013).

O letramento literário possibilita uma situação que favorece aos alunos uma construção melhor dos conceitos e, em particular, do principal objetivo do processo formativo, o estímulo e aquisição da leitura que também reflete na escrita, fator desafiador nos tempos atuais, o qual promove esta discussão, contribuindo para a eficácia desta pesquisa.

Diante das inquietações aqui suscitadas e das justificativas mencionadas, elencamos o seguinte **objetivo geral** da nossa pesquisa: Analisar como a sequência básica de Cosson pode auxiliar na formação literária dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental com base nas obras “*Dona Baratinha*” e “*Menina Bonita do Laço de Fita*” de Ana Maria Machado.

Como meio para alcançamos esse objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos: (i) descrever os elementos que fazem parte da formação de um leitor literário; (ii) Examinar como a Sequência Básica contribui para a formação do leitor literário; (iii) Discutir e interpretar os gráficos e as imagens que se constituíram

como objeto de estudo na proposta de intervenção; (iv) descrever como as obras “Dona Baratinha” e “Menina Bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado contribuíram para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura literária. Nossa pesquisa se caracteriza como qualitativa, descritiva e participativa e teve como problema de pesquisa a seguinte pergunta: É possível motivar o gosto pela leitura literária e formar leitores literário logo no terceiro ano do ensino fundamental?

Este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, na qual foram propostas diretamente atividades para os alunos do 3º ano “A”, do turno matutino, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (E.M.E.I.F.) de Bandarra, em São João do Rio do Peixe - PB, com o intuito de promover uma experiência com o ensino de literatura, de modo a poder vivenciar uma prática de ensino significativo de leitura com o texto literário.

Consideramos que o trabalho desenvolvido a partir das práticas de letramento literário contribuiu para a ressignificação das aulas de língua portuguesa e os alunos passaram a compreender a função social que a literatura tem na vida dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizado. Reconhecemos que esse trabalho teve uma temática relevante e sua aplicabilidade em sala de aula nos permitiu desenvolver um ensino de literatura distante das práticas tradicionais de ensino já citadas neste trabalho.

Para fins de sistematização, além das considerações iniciais já apresentadas e intitulada “a construção de um novo caminho”, esta dissertação está dividida em capítulos que reúnem um levantamento bibliográfico sobre os temas a serem abordados, bem como o relato, discussão e análise das experiências com a leitura literária em sala de aula.

No segundo capítulo, fundamentamos nosso referencial teórico. Tratamos de apresentar as noções sobre Letramento literário, a formação do leitor, os desafios que os docentes enfrentam acerca da leitura literária na sala de aula, a sequência básica de Cosson e por último um estudo bibliográfico acerca das obras “Dona Baratinha” e “Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado”.

No terceiro capítulo, fazemos a descrição detalhada do percurso metodológico e trazemos a caracterização da pesquisa, dos sujeitos e do campo empírico; a caracterização do *corpus*, a descrição da proposta de intervenção, como se deu a coleta de dados e a constituição do *corpus* de análise.

No quarto capítulo, encontra-se a análise dos textos selecionados. No primeiro momento, apresentamos análises dos gráficos gerados a partir do questionário inicial para traçar o perfil dos sujeitos. E no segundo momento, apresentamos a fruição da leitura literária a partir das atividades baseadas na Sequência Básica de Cosson para formação do leitor literário.

Ao final da pesquisa temos algumas considerações que este trabalho proporcionou ao longo da caminhada a partir dos resultados das análises realizadas. Apresentamos também ao final desta pesquisa as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

## 2. A BASE PARA O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

No ensino de Língua Portuguesa, ao aliarmos as teorias presentes na sala de aula aos diversos contextos que compõem o nosso meio, podemos compreender melhor como diversos fenômenos acontecem ao nosso redor e como eles estão diretamente ligados com o que ensinamos na escola. Diante disso, fazemos uma reflexão sobre como a escola tem contribuído para formação do leitor, quais as práticas que podem auxiliar nessa formação e qual o espaço para a leitura literária na sala de aula.

### 2.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Segundo Moretto (2009), a escola é uma instituição que tem como objetivo oferecer aos estudantes saberes socialmente construídos, visando a sua inserção numa cultura singular e preparando-o para a vida em sociedade. Essa definição mostra que a escola não tem apenas a função de ensinar os conteúdos que se encontram nos livros didáticos, mas deve atuar na preparação do aluno como ser social, capaz de agir e de solucionar problemas em seu meio. Nesse contexto, a escola torna-se o lugar de maior possibilidade de desenvolvimento emancipatório dos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (BRASIL, 2001), também colaboram com a visão de uma educação contextualizada que dá aos indivíduos subsídios, oportunidades de encontrar soluções para os problemas em sociedade. De acordo com Brasil (2001), o objetivo da educação no Ensino Fundamental é ensinar, ao longo dos anos, os elementos que auxiliam os alunos a se posicionarem de maneira responsável e crítica nas interações como forma de resolver conflitos.

É nessa perspectiva que inserimos o letramento literário, na intenção de vê-lo sendo aplicado nas aulas de língua portuguesa como uma maneira eficaz na formação dos indivíduos. Isso porque a literatura, quando inserida de forma contextualizada e dinâmica na sala de aula, ajuda os alunos a compreenderem como as relações se estabelecem socialmente. Quando citamos de forma contextualizada nos referimos a constante problemática que ainda existe em relação ao ensino de literatura na escola. Geraldi (2012) nos lembra que durante muitos anos, e ainda nos dias atuais, o ensino de literatura esteve atrelado ao ensino meramente da gramática normativa. Os

docentes de língua portuguesa se prendiam a um texto literário para ensinar as classes de palavras, porém, esse trabalho, além de não auxiliar no processo de formação do leitor, colaborou para o distanciamento entre a literatura e a vida dos alunos. Mais diretamente Geraldi (2012, p.18) relata:

Às vezes, pretendo tornar a aula de gramática mais interessante (e duplamente útil, ilustrando os seus alunos), o professor trazia (ou traz) um texto literário para nele exercitar a busca de orações subordinadas ou de substantivos abstratos. Também era (e é) frequente a utilização de enunciados pescados cá e lá em contos, romances ou poemas de escritores consagrados para transformá-los, como a própria gramática o faz, em norma ou, ao contrário em exemplos de exceções permitidas [...]

Geraldi (2012) nos ajuda a desconstruir a ideia de um ensino de literatura superficial e pretextual. Nesse sentido, nos perguntamos: como formar leitores literários com aulas puramente gramaticais? A resposta é clara: não é possível. No mínimo, nessas condições, conseguimos dar o conteúdo, mas a formação crítica fica comprometida. A constatação de Geraldi (2012) não se distancia da nossa realidade e essa problemática entre o ensino de literatura e o ensino de gramática tem sido um obstáculo na fruição do texto literário na escola, visto que os estudantes acabam não concebendo a atividade de leitura literária como um fator importante na sua formação como indivíduo.

Desse modo, o docente acaba não promovendo ao aluno um contato mais íntimo com a leitura literária, uma vez que é na escola onde a maioria dos alunos tem a possibilidade de ter acesso aos diversos textos literários. Isso é corroborado pelo fato de muitos pais ou responsáveis viverem em situação de miséria e não lhes sobram recursos financeiros para a compra de obras literárias. Segundo Geraldi (2012, p.14),

Numa sociedade como a brasileira – que, por sua dinâmica e política divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupo e distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos -, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também expressão dessa mesma situação. [...] no mercado da miséria, alguns reais a mais no salário representarão certamente alguns anos de sobrevivência.

Geraldi (2012) fala sobre a miséria e o ensino de língua, o que ampliamos ao letramento literário, porque como formar um leitor proficiente e que aprecie obra literária com a situação de miséria que ainda vivenciamos em nosso país? A solução possível fica a critério da escola. Somente ela pode fornecer a leitura de obras literárias aos que vivem em constante miséria. Ratificamos, a instituição escolar precisa ressignificar sua prática pedagógica em relação aos textos literários, promovendo a aquisição de práticas letradas libertadoras. Essa nova prática deve partir do professor, o qual precisa elaborar atividades que ajudem os alunos a apreciarem um texto literário em dimensões discursivas. Observar os sentimentos ali impressos, as marcas deixadas por quem escreveu, os sinais explícitos e implícitos ao contexto, ou seja, apreciar a obra com os cinco sentidos do corpo humano, sentir, ouvir, ver, tocar e degustar metaforicamente uma obra literária.

Nesse sentido, o letramento literário passará pela concepção de sentidos que se dar durante uma atividade de leitura que não se limita a decodificar o texto, mas observar minuciosamente em relação a quem o produziu, qual o contexto dessa produção e qual o seu diálogo com outros textos. Essa leitura pautada na intertextualidade permite aos leitores perceberem a presença de um texto em outro(s) texto(s). Desse modo, a atividade perpassa o olhar de caráter informativo do texto, muitas vezes sendo este tipo de análise centralizado na escola, e volta-se para os aspectos discursivos que contribuem para o letramento literário.

Todavia, ressignificar, desconstruir as práticas tradicionais existentes em relação ao tema citado, não é uma tarefa fácil, e somente será possível quando os professores adotarem estratégias que perpassem o texto como produto pronto e acabado. Essas estratégias tornar-se-ão ao alcance dos docentes através da constante revisão de literatura, do hábito de leitura, das formações pedagógicas e da habilidade para relacionar teoria e prática. Segundo Antunes (2007, p. 40),

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos, sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta. Entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana.

Na verdade, quando não existe a atualização de pressupostos teóricos, o profissional pode não só cometer equívocos no processo de ensino aprendizagem,

como repetir as práticas de letramento cristalizadas e ineficientes na formação do leitor literário. Nesse sentido, é preciso, antes de tudo, motivar os docentes a buscarem textos, referenciais didáticos que ampliam sua visão sobre o ensino de literatura na escola. Ao subsidiar sua prática pedagógica com um arcabouço teórico pertinente, os docentes conseguirão dinamizar suas aulas e propiciar aos discentes o despertar de sua criticidade e criatividade em relação à função da literatura. De acordo com Candido (2004):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma ao sentimento e à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 186)

A literatura possibilita ao sujeito fantasiar também, sonhar, trocar experiências, contrapor, dialogar dentre outras experiências. É uma troca que o ajuda a se conhecer, a se construir. Possibilita inventar a própria vida, ou seja, não é um encontro no qual apenas um imprime no outras suas impressões, há uma dinâmica do ver e do decifrar a partir das experiências do sujeito leitor.

Por se tratar também da humanização do indivíduo, de sentimentos e de muitas vezes concretizar o abstrato por meio da leitura proporcionando o letramento literário, o trabalho com literatura vai muito além de um estudo estético ou do processo de leitura e de escrita. A literatura, assim, é fundamental dentro do contexto educacional, estando presente como uma lente que nos permite ver a sociedade e o mundo ao longo do tempo, interligando histórias, magia, beleza, expressão, vida e arte.

Nesse aspecto percebemos que a literatura está intimamente ligada ao contexto real e cultural da sociedade. Dessa forma, ela é entendida como espaço que se relaciona diretamente à experiência que nos rodeia e as transformações que acontecem a partir do contato com a literatura. Estas transformações refletem na vida social do indivíduo a partir da perspectiva do letramento literário.

O termo letramento ainda é recente assim como seu conceito é novo no Brasil. Sua origem ocorreu pela necessidade de designar e representar comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita. No decorrer do tempo, as práticas sociais da leitura e escrita foram adquirindo mais notoriedade e importância à medida

que a vida social se tornou cada vez mais dependente e centrada na língua escrita. (SOARES, 2004)

Ainda para Soares (2012. p. 120), o letramento é indubitavelmente, pelo menos nas sociedades contemporâneas e industrializadas, um integral direito humano, o qual independe da situação social e econômica que um determinado grupo humano faça parte. Da mesma forma, evidencia-se a concepção de letramento literário difundida por Cosson (2014, p. 25) como sendo o processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentidos.

No decorrer dos anos, o letramento literário sempre atendeu expectativas do público escolar. Nesse sentido, a obra literária atendeu ao que a escola tinha como proposta, uma vez que para Cosson (2014) “O letramento literário sempre trabalhará com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos.

O termo letramento literário é também uma motivação para o processo de humanização dos discentes e subsídio essencial para o aprimoramento do exercício da liberdade de expressão e mais aberto diante da diversidade existente no universo, tornando-se menos preconceituoso e mais participativo. (SILVA E SILVEIRA, 2013). No entanto, o letramento literário não está somente ligado às práticas de leitura do texto literário como função social, mas também voltado à educação literária e seu efetivo domínio na escola e na sociedade. Nesse sentido, é importante estudar a forma como a escola tem ensinado a literatura e mais precisamente tem formado o leitor.

A leitura escolar deve contemplar o aspecto formativo de educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento [...] O texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descortínio de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade. (SILVEIRA, 2005, p. 16)

Dessa forma, percebe-se que cabe à escola promover o estímulo ao contato com uma leitura que contribua para a disseminação de um conhecimento amplo e produtivo, servindo como base de sustentação e transformação da personalidade dos educandos.

É notório que nem sempre a literatura ocupou o espaço que ocupa atualmente nas escolas. Porém isso não significa que ainda não existam escolas negligenciando o estudo da literatura e que os livros didáticos deixam lacunas no que se refere ao trabalho com texto literário, pois muitas vezes os recortes expostos não contemplam os objetivos do letramento literário. Por isso é importante compreender a dimensão do letramento literário. De acordo com Cosson (2014),

[...] Ao tomar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico. Por ser apropriação permite que seja individualizado ao mesmo tempo em que demanda interação social, pois só podemos tornar próprio o que nos é alheio. Apropriação que não é apenas de um texto, qualquer que seja a sua configuração, mas sim de um modo singular de construir sentidos: o literário. (COSSON. 2014. p. 25).

Dessa forma, torna-se perceptível que o letramento literário perpassa a prática cotidiana escolar, visto que seu dinamismo leva o indivíduo a construir sentidos através de uma interação com autor, contexto e obra. Como vemos, a literatura já não pode ser limitada, intolerante e elitista, ela deve orientar enredos, narrativas e autores para que a diversidade cultural seja eixo condutor dessa nova forma de fazer literatura. Desde muito cedo devemos ter contato com essa área do conhecimento, pois ela oferece uma multiplicidade de opções com as quais qualquer sujeito pode se identificar. A leitura de textos literários é uma arte a ser contemplada, é um diálogo constante entre autor e leitor. A cada obra lida, são inúmeros os aprendizados que uma pessoa pode ter, portanto, deve ter espaço nas aulas de língua portuguesa. Só assim teremos sujeitos críticos e produtores de sua própria identidade pessoal e social.

Desse modo, o professor é responsável por promover o contato do aluno com o texto literário por meio de estratégias que se distanciam do ato mecânico de ler e contribuam para que o educando consiga interpretar e assimilar habilidades leitoras mais complexas. Segundo Cosson (2013), configura-se como letramento literário:

[...] o letramento literário pode ser efetivado de várias maneiras, mas há quatro características que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra

[...] Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais [...] Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária (2013, p. 02).

Nessa perspectiva, o letramento literário é de fundamental importância na formação de qualquer ser que busque um olhar crítico em relação ao contexto que se encontra inserido, pois é promotor de reflexões e transformações. Porém, muitas vezes, este não tem tido o espaço adequado no Ensino Fundamental. É muito pertinente trabalhar-se com textos literários que se aproximem mais da realidade dos alunos e que despertem prazer e fruição, pois assim o professor pode usar diferentes gêneros literários, buscando o aumento do conhecimento dos alunos e estimulando o gosto pela leitura.

A escolha do que os alunos leem compete ao professor, pois não pode ser visto apenas como mero leitor, mas como o mediador das leituras literárias feitas pelos alunos. O docente assume o papel de conduzir e motivar os discentes ao contato com a leitura e a partir de então promover momentos interativos.

O processo que ocorre para a formação leitora é um instrumento imprescindível para efetivar o letramento, pois “Na perspectiva do letramento literário, o foco não é somente a aquisição de habilidades de ler gêneros literários, mas o aprendizado da compreensão e da resignificação desses textos. (SILVA E SILVEIRA, 2013).

Na obra “Letramento literário: teoria e prática”, Rildo Cosson argumenta que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, sendo que, uma depende da outra. Para ele, é a escola que deve ensinar literatura:

Devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer e a escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2016, p. 23)

Nesse sentido, a escola não pode apenas exigir formas de leituras tecnicistas que não despertam o verdadeiro prazer para a leitura, nem tampouco conduzir o aluno a uma proficiência de leitura literária. O professor, nesse sentido, tem importante papel nesse processo de cativar e conduzir o aluno ao encontro da literatura e não usar textos literários como instrumento didatizante para trabalhar conteúdos didáticos normativos e meramente informativos, já que a perspectiva de formação do leitor literário se dá pela dimensão do prazer e do encantamento.

Dessa forma, a formação do leitor na perspectiva do letramento literário, pode possibilitar uma formação crítica e reflexiva, tornando-o um ser ativo e pensante, capaz de atuar na sociedade e mais precisamente sendo um instrumento de humanização que é capaz de desenvolver a sua sensibilidade, de modo a levá-lo a refletir sobre aspectos inerentes ao ser humano.

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...] É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra (ROUXEL, 2013, p. 20).

Para se chegar a esse objetivo, é imprescindível que a leitura literária produza sentidos para o leitor, pois não podemos perder de vista que o ensino de literatura não corresponde a um mecanismo estratégico para a aquisição de conhecimentos sobre leitura, escrita ou produção. Tomamos assim, como pressuposto básico para as atividades desenvolvidas, o que disse Dalvi (2013, p. 68): “literatura não se ensina, se lê, se vive [...]”.

O letramento literário, por sua vez, corresponde a um processo de apropriação do conhecimento literário, de modo que o aluno possa não somente ler textos literários, mas fruir esteticamente o conteúdo da obra a fim de “recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial” (BRASIL, 2002, p. 145).

Diante disso, os saberes fundamentais adquiridos por intermédio da literatura são aqueles que possibilitam desenvolver habilidades de leitura literária, bem como as de compreensão das possibilidades de uso da palavra, inseridos no contexto social vivido a fim de se promover o letramento literário.

## 2.2 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

O espaço da sala de aula tem sido visto como lugar ideal para promover experiências individuais e coletivas entre os alunos, porque é no ambiente escolar que os indivíduos têm contato com os diversos discursos que passam a fazer parte da sua rotina. A leitura também auxilia nessa descoberta do outro, pois os alunos passam a ter acesso aos diferentes discursos que são ofertados. Para Yunes (2003, p. 14), “[...] ler é reconhecer seu discurso entre outros, tocado por eles, apesar da diferença”.

Na verdade, a atividade de leitura propicia experiências profundamente particulares nos indivíduos quando ela é desenvolvida na perspectiva da interação autor-texto-leitor. Koch e Elias (2013) ratificam essa afirmação por nós colocada. De acordo com as autoras, a atividade de leitura precisa ser entendida como uma constante negociação entre o texto, o leitor e autor. Mais diretamente, Koch e Elias (2013, p.11) afirmam:

[...] há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo [...]. Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação textos –sujeitos e não algo que preexista a essa interação.

As autoras fazem reflexões sobre o texto em geral, mas isso nos ajuda a entender como funciona também a formação do leitor literário, visto que para ela acontecer é também preciso que esse leitor tenha uma concepção de texto como interação e não como mero produto acabado. O despertar para a leitura literária irá consolidar-se quando os alunos observarem o texto como o lugar de identificação. Isto é, a atividade de leitura tornar-se-á prazerosa à medida que o leitor sentir curiosidade, motivação, vontade de interagir com a obra literária. De acordo com Vygotsky (2007, p.397),

[...] na medida em que o leque de interesses for aberto e que o aluno perceber a profunda relação da leitura do texto literário tanto com seu mundo interior quanto com o mundo que o cerca, a atuação sobre a zona de desenvolvimento proximal será produtiva, e o resultado será a formação de um leitor crítico, que constrói o sentido da leitura e desenvolve o prazer estético.

Como vemos, a relação entre o texto literário e o leitor é construída quando os sujeitos conseguem agregar suas vivências ao texto, suas fantasias a realidade e demais elementos que tornam a atividade de leitura contextualizada e dinâmica. Nessa percepção, o ensino de literatura se ressignifica e distancia-se das práticas tradicionais já citadas em nosso estudo.

A tarefa de ressignificar as aulas de literatura não se configuram como algo fácil e imediato, porque antes de tudo o docente precisa auxiliar o aluno a conceber o texto como um objeto dotado de uma rica polissemia e de mecanismos sofisticados de produção interna de sentido, que requer sensibilidade para compreender os múltiplos significados que ele contempla. Ler um texto literário torna-se uma atividade profunda porque literatura é arte e toda arte precisa ser admirada, contemplada. Como nos recorda Cândido (1972, p. 53):

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

O que acontece é que diante de um texto literário o leitor tem maior probabilidade de desenvolver a imaginação e a criatividade, porque a literatura permite uma relação subjetiva entre a arte e a vida real. Ela configura-se como uma expressão artística capaz de revelar, de geração em geração, os conhecimentos, costumes, culturas, pensamentos individuais e coletivos, projeções e expectativas de um povo. Sua relação dialógica permite a reflexão introspectiva entre o mundo do leitor e o novo mundo que a obra literária acarreta. Ele passa a vivenciar uma experiência com a leitura literária que o conduz a um universo alegórico imaginativo. Essa interação o possibilita assumir e constituir criticamente sua identidade.

Vale também ressaltar que a definição de literatura tem uma historicidade que é determinada pelo contexto social e cultural de cada época. Sua construção conceitual tem como características próprias a heterogeneidade, complexidade, relatividade e flexibilidade. Assinala Eliana Yunes (2003, p. 53) que: “[...] a cada texto sejamos leitores mais intensos e extensivos, a ponto de aí, sim, podermos escrever-nos e inscrever-nos na palavra lida [...]”. Ela se refere à capacidade de o leitor perpetuar sua própria leitura, na medida que a passa para outrem, ou seja, o ato de ler instiga o ser humano a se expressar, seja a leitura do texto verbal ou não verbal.

Ao dominar a linguagem por meio da leitura, os alunos poderão se realizar como leitores e cidadãos. Para tanto, o ensino da leitura deve passar pela literatura que trata do ser humano e da vida, por assuntos peculiares ao leitor que trarão motivação para o ato de ler, diferenciando o ato meramente de soletrar da leitura simplesmente utilitária ou de distração. Mas de identificação com um mundo que se apresenta também impreciso, peculiar, de qualidades e de defeitos ao leitor. De acordo com Antunes (2009, p. 193),

Na verdade, pela leitura, temos acesso à novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo.

Antunes (2009) fala da leitura em um contexto mais geral, mas como o ato de ler refere-se aos elementos por ela citado, podemos relacioná-los a leitura do texto literário. Desse modo, formar um leitor é também ajudá-lo a compreender que a interpretação de um texto tem uma relação direta com o contexto e a visão de mundo do locutor e do próprio leitor. Essa relação, além de ser estabelecida pelo leitor, o ajudará a entender que embora a interpretação seja livre, não podemos ultrapassar os elementos que compõem a coesão e coerência de um texto para atribuir-lhe qualquer significado.

Dessa forma, a atividade de leitura torna-se uma constante responsabilidade na interação entre o leitor e o texto e deve partir do professor a iniciativa de motivar e aguçar no aluno a criticidade e o hábito de ler os diversos textos literários. Na verdade,

a leitura do texto literário não deve ser feita de forma aleatória, também não deve oprimir o aluno. O docente precisa encontrar metodologias dinâmicas para desenvolver em seus alunos os recursos necessários para avaliar um texto literário. Para Cosson (2006, p.30):

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

O autor nos faz perceber que através da leitura do texto literário o aluno pode desenvolver habilidades de leitura que o auxiliarão na leitura de outros textos e na compreensão do mundo e das relações entre os seres. Isso ocorre porque, por meio da interpretação do texto literário, o leitor desperta sentimentos, emoções, novos saberes, novas visões de mundo sobre si e sobre a vida. De acordo com Cosson (2016, p17), “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.”

Quando Cosson (2016) reflete sobre a experiência de sentir o outro por meio da literatura, ele está se referindo ao processo de formar um leitor literário que ao ler um texto sinta-se motivado a adentrar o mundo da obra lida sem desvincular-se da sua própria realidade. É preciso formar um leitor que não vislumbre a atividade de leitura como uma prática superficial. Um leitor competente sempre será aquele que compreende, antes de tudo, que a leitura se configura como uma porta para novos saberes e novos horizontes que passarão a trazer-lhes novos sentidos. Conforme Cosson (2016, p.27),

Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. E preciso estar aberto a multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra de dizer-lo para que a atividade de leitura seja significativa.

Como vemos, a atividade de leitura que colabora para nossa construção como indivíduo não é aquela que durante muitos anos foi propagada nas escolas: Uma atividade mecânica, restringindo-se a busca por classes de palavras e demais elementos que superficializavam o texto. A dimensão discursiva e os sentidos de um texto ficavam esquecidos na busca incessante por nomenclaturas gramaticais.

Diante disso, cabe à escola hoje ressignificar essa prática de leitura, permitindo aos estudantes uma aproximação profunda com o texto literário. Para que isso ocorra, os docentes de língua portuguesa precisam partir de um ensino que tenha como foco de estudo a própria obra literária, relacionando o contexto histórico, a cultural, a época de produção o espaço onde a obra se passa. Nesse sentido, para Cosson (2016, p. 29):

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. [...] A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado.

Como frisa Cosson (2016), o ato de ler precisa ultrapassar os ditos e não ditos em um texto. E em relação ao texto literário, esse ato torna-se ainda mais promissor no aspecto criticidade, visto que uma obra literária contém amplos significados que precisam ser respeitados no ato de sua leitura. Ela está sempre repleta de costumes, crenças, ideologias de um determinado grupo social, situado em um dado momento histórico e espaço geográfico.

Um leitor proficiente precisa conhecer e manusear bem a estratégia de desmontar o texto em sua profundidade. Um texto literário não pode ser visto meramente como uma transmissão de conteúdo ou informação, porque quando se escreve uma obra literária, em qualquer dimensão, o autor a produz com intenções, ditos, pressupostos. Dessa forma, interpretar um texto literário é também permitir-se ser tocado por ele. Por isso que o encantamento com a literatura precisa partir de um ensino de literatura espontâneo. Com práticas de letramento tradicionais e agressivas não teremos leitores entusiasmados, mas sim, um público ofuscado com o brilho de uma obra literária.

A escola precisa criar em seu espaço meios de promover momentos de apreciação de obras literárias, porque antes de tudo se forma um leitor literário lendo,

conhecendo, interagindo com textos literários. Não se forma um leitor com fichamentos de obras, transcrição de resumos, listas de pronomes, verbos ou substantivos. Um leitor aprecia uma obra quando não lhe é atribuído outra atividade se não ler para conhecer, para ter contato com o texto literário. De acordo com as palavras de Cosson (2016, p.29),

Nesse sentido, quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa[...] O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras.

A citação de Cosson (2016) nos convida a repensar o estudo com o texto literário, visto que sua estrutura e função comunicativa perpassa as classificações das palavras. As palavras na obra literária são elementos que fazem parte da dinâmica do escritor para atrair o leitor, isto é, elas são articuladas com fins diferentes dos utilizados nos exercícios de verificação de aprendizagem. Dessa forma, pedir aos alunos que classifiquem as palavras em um poema, conto ou outra obra literária, é ignorar os efeitos de sentido que as palavras ali estabelecem.

Sendo assim, ratificamos que a formação de um leitor literário dependerá de como o ambiente escolar apresenta a literatura. Se ela for vista apenas como pretexto para ensinar gramática, como suporte para observar estruturas composicionais ou como biografia de grandes autores, os alunos terão dificuldade de apreciar uma obra literária e conseqüentemente sentirão resistentes ao pedido para analisá-las. Para Cosson (2016, p.29), “Longe de destruir a magia das obras, a análise literária permite que o leitor compreenda melhor essa magia e penetre com mais intensidade.”

Assim, para que surta os efeitos relatados por Cosson (2016), a análise literária deve ser inserida de forma contextualizada e após a obra ter sido apreciada pelos leitores. Com metodologias voltadas para apreciação do texto literário, os alunos demonstrarão criticidade e encantamento. Isso acontece porque ao se deparar com as descobertas que um texto literário pode suscitar em si, o leitor sente-se motivado aprofundar seus conhecimentos em relação ao texto lido.

Outro fator notório e que tem sido um obstáculo no processo de formação de leitores, é o pouco espaço que os manuais didáticos têm ofertado aos gêneros literários. Cosson (2016) aponta esse como um dos indicativos para a diminuição do

espaço da literatura na escola. Para o autor, se o espaço já era insatisfatório com os frequentes fragmentos das obras, agora esses fragmentos são substituídos por outros inúmeros gêneros textuais. Mais precisamente ressalta ele ressalta que,

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras consideradas canônicas, mas também de protocolos de leitura que são próprios da literatura. (COSSON, 2016, p. 15)

Cosson (2016) ratifica toda a reflexão que propomos nesse tópico e ressalta mais um empecilho para a formação de leitores literário. Como já frisamos no tópico anterior, é na escola que a maioria das crianças e dos jovens tem acesso a obras literárias, pois vivemos em país que predomina a falta de recursos financeiros para que os pais comprem livros e leiam para seus filhos. Nesse sentido, o professor precisa encontrar possibilidades de ampliar o repertório de gêneros literários em suas aulas, não se restringindo somente aos ofertados pelos livros didáticos dos alunos, pois já vimos que eles resumem essa categoria de textos.

Uma dica para dinamizar e ampliar as aulas de literatura na escola pode ser o professor promover uma visita a biblioteca pública da cidade, levar textos curtos de casa para ler com os alunos em voz alta, selecionar uma obra literária que embora os alunos não tenham, possam ouvir a leitura pelo professor, com essas e outras metodologias, os alunos vão se familiarizando com a literatura e encantando-se com os gêneros literários. São muitas as dificuldades nessa trajetória, mas é preciso insistir na formação de leitores literários, pois a literatura ajuda-nos a desenvolver a subjetividade, a empatia, a resiliência, a esperança, isto é, ela auxilia, através dos seus inúmeros recursos de linguagem, na formação de um ser humano mais sensível às mazelas sociais que nos cercam diariamente.

### 2.3 SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

No tópico anterior dialogamos sobre a formação do leitor, ressaltamos como ela efetiva-se no espaço escolar e como os docentes podem auxiliar nesse processo de formação. Este tópico que será apresentado, dará continuidade ao tema, mas

voltaremos para o espaço, propriamente, que a literatura tem conquistado nas aulas de língua portuguesa e traremos sugestões para os docentes a inserirem em sua prática pedagógica.

O espaço da leitura literária na sala de aula tem sido um tema de grande repercussão entre os estudiosos da literatura e os professores de língua portuguesa. A problemática gira em torno da carência ou diminuição do espaço ofertado ao texto literário na escola, ou seja, a cada dia observamos uma quantidade menor de gêneros literários que circulam na sala de aula. Para Cosson (2016), esse desaparecimento torna-se cada vez mais visível porque os livros didáticos, numa tentativa de simplificar a atividade de leitura, têm preterido trazer como referenciais de leitura: receitas, anúncios, tirinhas, quadrinhos e demais textos que, através do olhar dos produtores desses livros, os alunos terão maior possibilidade de entendimento. Segundo Cosson (2016, p. 13),

As antologias dos livros didáticos de Língua Portuguesa, espaço tradicionalmente destinado à literatura na escola, são agora fragmentos recortados, adaptados ou condensados de gêneros, modalidades, contextos culturais e temas que passam ao largo da literatura.

Para o autor o espaço que antes, mesmo superficialmente, pertencia aos textos literários, agora dão lugar a uma diversidade de gênero dos quais os literários parecem não fazer parte. Essa visão reducionista sobre a literatura pode ter sido consequência de práticas tradicionais do ensino que apenas considerava literatura as obras dos grandes autores. Nisto, ensinar literatura era estudar as obras que pertenciam ao cânone literário. Como o livro didático é um referencial produzido para todo o ano letivo, ficaria inviável reservar páginas e páginas para os alunos lerem uma obra literária.

Todavia, essa visão já não se sustenta na atualidade, pois a partir dos diversos diálogos de estudiosos sobre literatura, compreendemos que não são somente os clássicos da literatura que ensinam ou encantam os leitores. Há uma gama de textos modernos e antigos que auxiliam na formação do leitor e estabelecem uma aproximação entre os indivíduos e a literatura. Textos esses que não foram escritos por autores renomados, mas podem ajudar na efetivação da leitura literária.

Entretanto, para que esses textos impactem os alunos, a escola precisa propiciar o deleite pelos textos literários com o desenvolvimento de eventos de leitura literária que ultrapassem as práticas mecânicas que serviam para ensinar literatura numa perspectiva histórica, descritiva e bibliográfica. Via-se ação cultural ali presente, as sentenças ou palavras, mas o deleite, a apreciação no ato de ler escondia-se nos elementos objetivos do texto. Não se discutia o texto e sua relação com mundo, o texto e seus significados. Na verdade, a literatura era mais uma possibilidade para o ensino de língua. De acordo com Lois (2010, p. 35),

Não há nada de errado em utilizar textos de literatura quando tratamos do estudo da língua portuguesa; seria incoerente pensar assim, quando reconhecemos na literatura uma especial manifestação da língua. A ressalva está na tendência a sua pura escolarização. Dar utilidade para o texto literário antes de permitir o encontro do estudante com a arte, é sabotar o leitor e desconsiderar o papel humanizador que a escola precisa ter.

Como vemos, utilizar o texto na escola para outros fins que não seja o da apreciação da obra literária não é inadequado, mas tornar esse seu único objetivo é desastroso. As aulas de literatura na escola precisam, antes de tudo, permitir o encontro dos alunos com os textos, ajudando assim, os estudantes a desenvolverem diferentes pontos de vista. Essa nova percepção servirá de ponte para os alunos olharem o texto literário como meio para se expressarem, dialogarem e exporem suas ideias. Para Candido (2012), o estudo da obra literária deve extrapolar o plano estrutural, alcançando assim a sua intencionalidade em relação ao público seja de despertar sensações, sentimentos ou até mesmo revoltar, se rebelar, dependendo da relação que este estabeleça com o texto.

Desse modo, as aulas de literatura tornar-se-ão uma possível ferramenta de transformação social. Por isso, sua ausência ou sua restrita presença no ambiente da sala de aula pode ser um obstáculo no desenvolvimento humanitário dos alunos. É evidente que outros textos precisam ser inseridos na escola, a diversidade de gêneros auxilia sim nas habilidades de leitura dos estudantes, todavia, reconhecemos que é na leitura de textos literários que os aprendizes podem ter maiores chances de se tornarem sujeitos críticos e participativos. Isto acontece porque a literatura em sua essência é instrumento motivador e desafiador que ajuda os sujeitos a compreenderem o contexto onde vivem. De acordo com Caldin

(2013,p.5), “A função social da literatura é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe.”

Caldim (2013) nos faz perceber que por ter função social necessária ao indivíduo, a literatura passa a ser uma arte merecedora de um espaço relevante na sala de aula e quanto antes ela for inserida no contexto escolar, maior será seu papel transformador na vida dos estudantes. O que nos leva também a pensar que quanto mais cedo os livros de Literatura Infantil forem inseridos no cotidiano das crianças, maiores serão as oportunidades dessas crianças se tornarem jovens e adultos que apreciam a leitura literária.

Na verdade, quando o docente passa a inserir a literatura em suas aulas, ele dá a sua turma o direito de compreender o mundo através da arte, porque a leitura de textos literários é uma atividade que desperta no pequeno leitor o gosto pela leitura. Dessa forma, observamos que a fantasia vivenciada na leitura de um texto literário vai além das ilusões alimentadas nos sujeitos, ela os ajuda a ver a sociedade e seu funcionamento. Segundo Cosson (2016, p.32),

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. [...] A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor.

Ao possibilitar no leitor o encontro ou reencontro consigo e com o mundo, a literatura passa a ocupar um espaço fundamental na vida das pessoas, especialmente, das crianças, que, ainda, encontram-se no começo da sua trajetória literária. Crianças essas que, como já vimos, precisam da intervenção escolar para desenvolver o gosto pela leitura literária. Quando isso não acontece, ou seja, quando o docente não executa atividades com a literatura em suas aulas, os alunos podem se tornar leitores dos diversos textos menos de textos literários. Conseguirão ler e interpretar os variados gêneros textuais, mas sentirão dificuldade de ler por prazer uma obra literária, isto é, as consequências podem ser profundas, predominando a resistência para apreciar ou analisar um texto literário. Para Arena (2010, p. 17)

“Acima de tudo, o ato de aprender a ler literatura, de construir sentidos pelos enunciados verbais escritos, é, ao mesmo tempo, desafiante[...].”

Assim, nas palavras de Arena (2010), o ato de ler confunde-se com o ato de ler literatura. As atividades podem ser relacionadas, mas não colocada no mesmo patamar. A leitura de um texto literário precisa ser desenvolvida no decorrer dos dias, dos tempos, na relação obra e cultura, obra e autor, obra e contexto. Tudo na literatura faz parte, está atrelada aos seus significados.

Todos os leitores literários podem ser motivados a vivenciar a fruição literária, mas quando essa motivação é ofertada a criança, ela desenvolve a imaginação, a criatividade, ou seja, ela concebe a criança uma um leque de habilidade cognitivas e emocionais. De acordo com os PCN's (BRASIL, 1997, p.29):

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Brasil (1997) nos ajuda a entender que não é convidar a criança a esquecer-se da sua realidade para vivenciar a fantasia proposta por uma obra de arte, é, na verdade, ajudar a criança a compreender a relação que pode existir entre a fantasia e o mundo real. Quando ela entende essa relação passa a emocionar-se, encantar-se com o mundo descrito em um texto literário. Como vemos, é imprescindível a mediação da leitura literária na escola, o professor precisa ser o facilitador no encontro entre a criança e o texto literário.

Ratificamos que essa mediação pode ser feita a partir de diagnósticos nas turmas para identificar os conhecimentos que os alunos têm sobre literatura. Dependendo da turma, esse diagnóstico pode ser: uma conversa informal, um jogo de perguntas e respostas, um círculo de conversas e outras formas que deixem evidente para o docente como se encontra a relação dos alunos com os diversos textos literários.

Após identificar os conhecimentos que a turma tem sobre literatura, o docente pode efetivar um encontro concreto dos alunos com a literatura. Esse encontro pode

ser norteado por uma leitura em voz alta de uma obra literária, a recitação de poemas, a promoção de um sarau poético, rodas de contação de história. Essas e outras metodologias podem fazer parte do cotidiano dos alunos, motivando-os a gostarem de literatura.

Os textos a serem trabalhados podem ser diversos: um conto maravilhoso, um conto de fadas, uma crônica, uma fábula, obras voltadas para o público infantil e demais textos contemporâneos ou clássicos que servirão de subsídio para a efetivação da leitura literária. De acordo com Rouxel (2013, p. 27):

A literatura infantojuvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado da leitura literária. Há um grande número de obras de domínio- álbuns, romances, peças de teatro – cujas feições correspondem às grandes obras da literatura Contemporânea. A leitura dessas obras tende a criar um novo horizonte de expectativas nos alunos.

A citação de Rouxel (2013) ratifica nosso desejo de ver um espaço maior para a leitura literária em sala de aula. Espaço esse que não precisa se restringir a obras cristalizadas as quais, por sua complexidade, podem não motivar os alunos a gostarem de literatura. Na verdade, as obras que dependem de habilidades mais específicas dos leitores, precisam ser inseridas no caminho, no percurso dessa empreitada. O início deve ser o momento de puro deleite e a mediação precisa ser por meio de textos menos densos e, em se tratando de crianças, que predominem o humor, as imagens, a criatividade e a emoção.

Ao sentir-se encantado e encorajado a adentrar o mundo da literatura, os alunos irão, ao longo do tempo, desenvolvendo a maturidade de escolher suas próprias obras literárias, porque estarão habilitados a compreender quais textos literários emergem a vontade de ler e continuar lendo. Não é, nesse sentido, uma questão de qualificar como boa ou ruim uma produção literária, cabe ao docente nessa fase auxiliar, direcionar os alunos aos diversos textos e obras literárias para que eles se identifiquem e aprofundem-se na leitura literária.

Desse modo, a escola torna-se a porta para o mundo literário, permitindo ao aluno que com o tempo ele desenvolva a autonomia e o gosto para selecionar suas próprias obras literárias. Como afirma Brasil (1997), o texto literário deve ser

trabalhado diariamente nas atividades pedagógicas apresentadas pelos professores às crianças, visto que a literatura é uma forma específica de conhecimento.

Brasil (1997) nos adverte sobre o conhecimento que o texto literário pode proporcionar a criança. Ampliamos essa constatação dizendo que aprendizado vindo da prática da leitura literária segue-nos ao longo da vida, porque a literatura faz parte da existência humana. Por isso, ratificamos que a sala de aula é o início, um marco zero na caminhada do aluno. Por essa razão esse encontro precisa ser impactante para os aprendizes para que eles se sintam atraídos a continuar lendo e apreciando textos literários.

Não obstante, para que esse ensino se consolide como uma atividade que acompanhe os alunos ao longo da vida, consideramos pertinente que os professores também sejam leitores. Eles também precisam ter esse contato diário com o texto literário para poder compartilhar a experiência que a leitura proporciona. É fato que as vezes os professores não tiveram um contato profundo com a literatura, inclusive porque seu ambiente escolar não o ajudou a gostar de obras literárias, nisto a resistência se configura como um obstáculo para o trabalho hoje em sua sala de aula. Diante desse impasse, eles precisam buscar meios de quebrar seus próprios paradigmas sobre a literatura para que consigam motivar seus alunos a gostarem da leitura literária.

Os docentes precisam planejar, executar atividades de leitura literária que dialoguem com as teorias e os estudos mais recentes acerca de como ensinar literatura na sala de sala. Existe uma vasta literatura sobre o tema e ao revisar, ler sobre os novos conceitos e as propostas metodológicas que colaboram na efetivação do gosto pela leitura literária, o docente contribuirá para a propagação de práticas pedagógicas eficazes que resultam na formação de um leitor literário.

Em nossa pesquisa selecionamos autores que nos ajudaram a inovar o ensino de literatura na sala de aula. Entre esses autores, utilizamos a proposta pedagógica de Cosson (2016) como base teórica da nossa intervenção. Vejamos a descrição metodológica da sequência básica proposta por ele.

## 2.4 SEQUÊNCIA BÁSICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao longo desse capítulo teórico, estivemos dialogando com estudos que colaboram para um novo conceito de literatura e formação do leitor literário. Nessa

mesma direção, refletimos sobre o espaço da leitura literária na sala de aula e como a literatura pode modificar os indivíduos através da sua função humanizadora. Agora chegou o momento de apresentarmos uma estratégia metodológica específica para a formação do leitor literário. A proposta pedagógica foi elaborada por Cosson (2016) e tem ajudando didaticamente a desenvolver nos alunos o gosto pela leitura literária. A estratégia metodológica é Sequência Básica (SB) e o autor a dividiu em quatro etapas:

### **Motivação, Introdução, Leitura e interpretação.**

As quatro etapas citadas estão interligadas e cabe ao professor desenvolvê-la de acordo com sua turma, pois a SB não é uma receita pronta nem uma proposta acabada. Ela fornece subsídios, direcionamentos para os docentes trabalharem a literatura em sala de aula. De acordo com Cosson (2016), os professores têm a liberdade de aplicá-la conforme suas experiências e público alvo. É fato que a SB é uma estratégia para a escola inserir em seu contexto a leitura literária. Entretanto, cada docente deve respeitar seus limites e o contexto onde estão inseridos.

Cosson (2016) traz exemplos de sequências básicas já aplicadas e narra os resultados positivos que os professores vêm conquistando com sua execução. Nós também conquistamos resultados satisfatórios ao aplicarmos a SB, mas esse detalhamento será relatado no capítulo metodológico desta pesquisa. Nosso foco neste tópico é desvendar teoricamente a SB de acordo com os pressupostos de Cosson. Como já citado, são quatro as etapas criadas pelo autor para aproximar o aluno da obra e ajudá-lo a desenvolver o gosto pela leitura literária. Vejamos essas etapas:

**Motivação:** essa etapa é a primeira da SB. Ela consiste na espontaneidade de estratégias utilizada pelo docente para atrair, chamar a atenção da turma. Lembramos que todas as etapas da SB podem ser direcionadas para os diversos textos literários: contos, crônicas, poemas, romances, tragédias e demais obras que um docente deseje trabalhar. Não importa o volume da obra, tudo dependerá da escolha do docente e dos objetivos por ele arquitetados na formação do leitor literário. De acordo com Cosson (2016, p.56),

Nesse caso é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos sobretudo quando tratamos de obra literária.

Naturalmente a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. Aliás, influências existem em qualquer processo de leitura.

Cosson (2016) nos adverte sobre o cuidado na hora de executar a motivação, pois a forma como o docente escolhe para motivar seus alunos pode, sem sombra de dúvida, influenciar na sua relação com a leitura. O autor ressalva que a problemática não gira em torno das influências, mas da recepção por parte dos alunos. A questão não é influenciar ou não a visão dos alunos, mas observar se a estratégia está sendo proveitosa e então dar continuidade ao trabalho com a obra selecionada. Na verdade, a etapa da motivação precisa ser impactante, visto que a partir dela os alunos podem querer ou não continuar participando da atividade de leitura.

São inúmeras as possibilidades para colocar em prática as estratégias de motivação: apresentação de um vídeo sobre o tema que a obra tratará, um passeio com os alunos em um ambiente citado na obra, a audição de uma música retratada na obra ou que lembre aspectos da obra trabalhada, uma conversa sobre um ponto central da obra e demais situações que apresentam aos leitores um pouco do que será exposto na introdução que será a próxima etapa:

**Introdução:** essa etapa é caracterizada pela inserção dos alunos na obra propriamente dita. A introdução pertence a parte mais contextual da obra, os professores irão trazer para a turma os elementos que auxiliam no conhecimento da obra escolhida. Ela pode partir de uma conversa sobre a vida do autor, um resumo da obra, a contextualização da obra. Ainda dependendo do público, uma conversa sobre o título, uma descrição dos elementos expostos na capa. Tudo nessa etapa precisa se voltar para introduzir os alunos ao mundo da obra literária.

Cosson (2016) lembra que é preciso ter cuidado nessa etapa para não expor exacerbadamente os elementos que compõem a obra. É preciso ter cautela para não tornar esse momento logo e enfadonho para os alunos. A etapa requer planejamento e foco no despertar da curiosidade da turma em relação a obra que será lida. Cuidado sobretudo para não transformar uma conversa sobre o autor em uma biografia do mesmo, ou uma contextualização da obra em uma aula historiográfica. É preciso trazer traços da obra, despertando, instigando o leitor a querer efetuar a leitura da obra na íntegra. Cosson (2016, p. 60) também reforça:

Independente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos.[...] a apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama atenção para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra.

Como vemos, não basta apenas expor a obra oralmente, é preciso levar os alunos a conhecer os aspectos que a compõem. Cosson (2016) ressalta que os professores podem levar os alunos a biblioteca para ver a obra e mesmo quando somente houverem cópias para os alunos, os docentes precisam conseguir um original para folhear diante da turma. Ter a própria obra como referência os motivará a passar para a próxima etapa que é a leitura.

**Leitura:** a leitura é o momento da apreciação da obra literária. O professor precisa ter a atenção voltada para identificar como está acontecendo o processo de leitura dos seus alunos. Durante muito tempo nas aulas de literatura, os professores pediam aos alunos que lessem e os deixavam só nesse processo. Essa ausência de atenção resultava em leituras superficiais da obra, quando essa era efetuada na íntegra. Para Cosson (2016), a fase do acompanhamento da leitura precisa ser tão impactante quanto as demais etapas. Se o aluno não tiver esse incentivo da parte do docente, ele pode não se sentir motivado a continuar lendo a obra até o final.

Cosson (2016) sugere que o professor, caso seja um texto curto que possa ser lido na hora da aula mesmo, um conto, poema ou crônica, peça aos alunos para efetuarem duas leituras: uma primeira silenciosa para reconhecimento da obra em relação as palavra, e uma segunda leitura em voz alta com entonação, gestos e outros elementos que atraíam atenção dos leitores. Caso a obra seja um romance ou um livro de maior volume e a leitura tenha que ser feita fora da escola, Cosson (2016) propõe que o docente promova meios que os ajudem a observar como está o andamento da leitura dos alunos. Essa observação pode acontecer por meio de conversas sobre a obra, audição de relatos de trechos lidos, descrição dos personagens, ou seja, nessa etapa o docente irá efetivar formas estratégicas para auxiliar seus alunos no ator de ler. Entretanto, Cosson (2016, p. 62) faz uma ressalva:

Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o

livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura.

Na verdade, Cosson (2016) nos alerta para efetuar essa etapa sem oprimir os alunos, mas os motivando a continuar no processo de formação do leitor. Além das estratégias já citadas, Cosson (2016) propõe que ainda nessa fase da leitura o docente execute os intervalos de leitura. Isto é, momentos que façam os alunos saírem um pouco da obra e irem para outros textos e atividades direcionadas a temática da obra lida. Além disso, os professores podem, juntos aos alunos, efetuar a leitura de trechos da obra, incentivando a turma a prosseguir na atividade de leitura. Enfim, essa etapa da SB ajudará o aluno a superar suas dificuldades em relação à obra lida, desenvolvendo segurança para a próxima etapa que é a interpretação.

**Interpretação:** essa é a última fase da Sequência básica. Seu objetivo consiste em o docente proporcionar momentos para que os alunos possam colocar em prática os conhecimentos adquiridos na interação com a obra. Cosson (2016) divide essa etapa em dois momentos: um interno e outro externo. Na interpretação interna, o aluno mostrará sua habilidade com as palavras e com a obra em geral. Essa fase precisa acontecer mediante a leitura da obra propriamente. O professor não pode deixar que os alunos substituam a obra na íntegra por um filme, uma resenha crítica, um resumo. Isso porque é nesse encontro com a obra que o aluno poderá fazer as inferências entre sua visão de mundo e os posicionamentos existentes na obra. Essa é a etapa na qual o docente deixará o aluno fazer suas próprias interpretações, respeitando a coerência proposta pelo texto.

Em síntese, a interpretação é a etapa em que o aluno poderá deixar transparecer as expectativas que ele tinha da obra, os sentimentos que eclodiram nele e qual sua identificação com os personagens. Na verdade, esse momento é individual, porém nada impede que seja um ato social também, porque em se tratando de leitura o social não pode ficar oculto ou irreconhecível.

O segundo momento da interpretação é o externo. Nele o leitor sente-se tão intimamente ligado com a obra que se sente apto a expor suas inferências para o outro. Esse outro pode ser os colegas, a comunidade, um público alvo, ou seja, ele tem a necessidade de expandir seus conhecimentos e sentimentos em relação a obra lida. De acordo com Cosson (2016, p.66),

As atividades da interpretação, como entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro pode variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos. Uma criança nos primeiros anos certamente achará divertido desenhar uma cena da narrativa e explicar para os colegas seu desenho. [...] já um adolescente poderá se sentir mais à vontade escolhendo uma música que trate dos sentimentos de uma personagem ou dos seus próprios ao ler o livro.

Como vemos, não é uma questão de generalizar a etapa denominada interpretação. Cada turma poderá externar suas considerações sobre a obra de uma maneira bem particular. Os alunos podem querer teatralizar a obra lida, escrever uma resenha sobre o texto, promover um júri simulado, compor um musical e apresentar a comunidade. Essas e outras possibilidades podem ser executadas e o docente precisará estar na mediação, ajudando, inovando, preparando, planejando, inteirando-se de toda movimentação dos seus alunos.

Para finalizar, Cosson (2016) ressalta que o professor não pode esperar somente que os alunos se apresentem em aulas eventos ou eventos grandiosos. A interpretação pode ocorrer em aulas comuns, nas quais os alunos podem se apresentar para os colegas. Como vemos, a proposta metodológica elaborada por Cosson colabora na prática do letramento literário e auxilia os alunos a serem críticos, participativos e desenvolverem o gosto pela leitura literária.

## 2.5 SOBRE AS OBRAS “DONA BARATINHA” E “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

Ana Maria Machado é considerada pela crítica uma das mais renomadas escritoras contemporâneas da produção literária infantojuvenil no Brasil, suas obras perpassam o público destinado e encantam leitores de todas as idades. Ela também é uma estudiosa sobre a literatura e a leitura para adolescentes.

A produção literária de Ana Maria Machado tem cativado o encanto de leitores durante décadas. Em 40 anos de carreira publicou mais de 100 livros no Brasil e conta com publicações em outros 18 países. Os números de vendas de suas obras ultrapassam 28 milhões de exemplares. Conquistou vários prêmios, tais como: Hans Christian Andersen (Internacional), Jabuti (FNLJI), Ordem do Mérito Cultural (Governo Federal) e João de Barro (Academia Brasileira de Letras).

É pertinente enfatizar que Ana Maria Machado tem contribuído de forma considerável para a literatura infanto-juvenil brasileira, suas obras com narrativas leves e convidativas conquistam o leitor e também apresentam uma linguagem simples e, por isso, é uma autora clássica que mantém viva o encanto de sua produção. De acordo com Machado (2001), [... duas coisas: o que eu lembro e o que eu invento. Memória e imaginação são as duas grandes fontes do que eu faço.]”

Nas obras da autora citada, percebemos a preocupação com o incentivo à leitura. Isso é perceptível pela maneira de mostrar seu encantamento com que se refere as suas produções literárias, o que reflete na leitura realizada pelo leitor, ler as obras de Ana Maria Machado é mergulhar num mundo mágico e enriquecedor, é viajar, fantasiar, viver emoções.

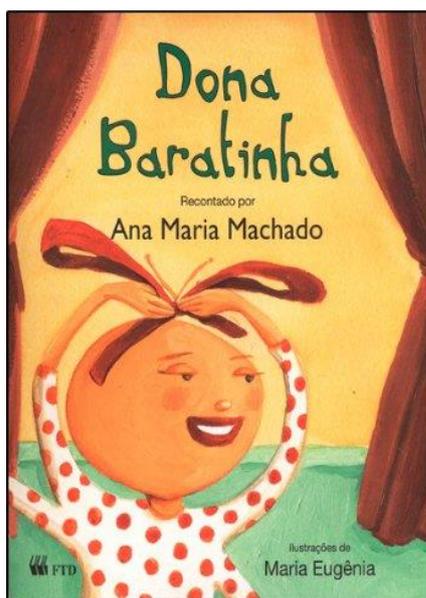
A literatura – infantil, juvenil, adulta ou senil, esses adjetivos não têm a menor importância – é constituída por textos que rejeitam o estereótipo. Ler literatura, livros que levem a um esforço de decifração, além de ser prazer, é um exercício de pensar, analisar, criticar. Um ato de resistência cultural. (MACHADO, 2001, p. 88)

Percebemos que a autora vê a literatura como eixo central de conhecimento cultural, como também aponta a leitura literária para além do prazer, mas também como a porta de acesso ao pensamento crítico e analítico que promove o conhecimento e transforma situações.

É perceptível a relevância e necessidade de se ler Ana Maria Machado nas escolas, haja vista que a escritora tem conquistado leitores de várias idades e em várias épocas. Podemos considerar que a harmonia entre o imaginário e o real e o fantástico são fatores de destaque para reafirmar a pertinência da leitura das obras e as contribuições para o leitor.

Partindo desse pressuposto, descreveremos acerca das obras *Dona Baratinha* e *Menina Bonita do Laço de Fita* que foram as duas obras utilizadas para leitura em sala de aula na perspectiva do letramento literário, sendo as obras abordadas para fruição literária e respectivamente a formação do leitor do texto literário.

## Dona Baratinha



<http://www.anamariamachado.com/img/editions/md/dona-baratinha.png>

Ana Maria Machado no livro *Dona Baratinha* (1996) reconta um conto popular de tradição oral de origem portuguesa. O conto foi publicado pela primeira vez em 1890 com o título original *História da Carochinha* pelo linguista e pedagogo português Adolfo Coelho, que recolheu e transcreveu diversos contos portugueses tradicionais. Em 1896, o jornalista carioca Alberto Figueiredo Pimentel publica no Brasil, pela Livraria do Povo de Pedro Silva Quaresma, a coletânea. Os *contos da Carochinha*, reunindo 61 contos, entre eles o conto intitulado *História da Dona Baratinha*. Em 2002, Ana Maria Machado publica novamente a obra *Dona Baratinha* na sua nova coleção *Histórias à Brasileira*, publicada pela editora Companhia das Letrinhas, composta de três volumes com diversos contos tradicionais europeus e fábulas. A *História da Dona Baratinha* faz parte do primeiro volume e podemos perceber a adaptação e o estilo literário da autora supracitada.

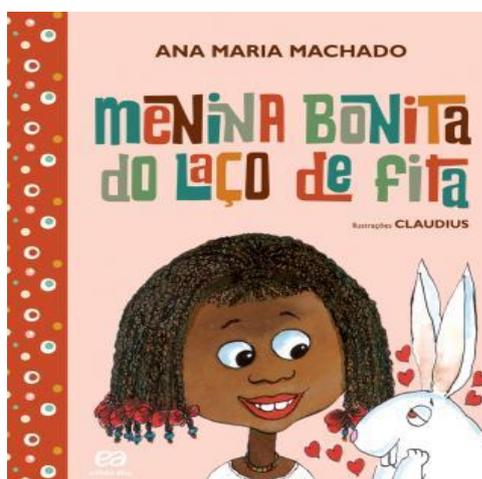
*Dona Baratinha* começa com o clássico “Era uma vez”, frase que induz o contato com o fantástico mundo da fantasia e da imaginação. Durante a leitura, o público infantil é conduzindo ao encantamento que o texto literário proporciona com os personagens que são animais com características humanas e a narrativa se desenrola por meio da tentativa do possível casamento de *Dona Baratinha*.

Tudo começa quando *Dona Baratinha*, ao varrer a casa, encontra uma moeda e começa a pensar que ficou rica. Muito feliz coloca a moeda em uma caixinha e

decide casar. Para isso precisava encontrar o noivo. Pensou e então colocou um laço de fita na cabeça e foi para a janela encontrar o marido. Para todos que passavam próximo embaixo de sua janela ela cantava: “Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?” (MACHADO, 1996, p. 51). No entanto, nossa protagonista era muito exigente. Para todos, os vários pretendentes que apareceram (boi, cavalo, cachorro, bode, carneiro, gato, papagaio) ela encontrava um defeito. Até que surgiu o rato que, entre todos, ela o escolheu, pois ele cantava bonitinho e, segundo ela, tão baixinho que não a assustaria durante a noite.

O rato aceita se casar com Dona Baratinha, porém, no dia do casamento, Dom Ratão não apareceu na igreja, pois ele tinha caído dentro da panela de feijão que estava sendo preparado para a festança. Desse modo, Dona Baratinha ficou viúva antes mesmo de se casar e então resolveu ficar sozinha e gastar seu dinheirinho para se divertir e ser feliz. A partir do resumo da narrativa percebemos o quanto o enredo é pertinente para o trabalho em sala de aula, haja vista que ao aproximar os alunos de textos literários devemos promover o encontro por meio de obras que provoquem a curiosidade, o encantamento e o prazer que a leitura literária oportuniza aos leitores.

### *Menina Bonita do Laço de Fita*



<http://www.anamariamachado.com/img/editions/md/menina-bonita-do-laco-de-fita.png>

A obra *Menina Bonita do Laço de Fita* foi escrita pela primeira vez em 1986, é uma das obras de Ana Maria Machado mais premiada e traduzida para outras línguas, a exemplo do Prêmio Melhores do Ano, Biblioteca Nacional da Venezuela, 1995; Melhor Livro Infantil Latino-americano, ALIJA - Buenos Aires – 1996 e Altamente

Recomendável, Fundalectura, Bogotá, Colômbia Prêmio Américas (Melhores livros latinos nos EUA) – 1997 e Prêmio Bienal de São Paulo, Bienal de São Paulo (Menção Honrosa - Uma das Cinco Melhores Obras do Biênio) – 1988.

O enredo é curto com uma linguagem simples e clara, com ilustrações que proporcionam um deleite ainda maior durante a leitura. É uma das obras mais vendidas da autora, pois é explorada com caráter social de respeito a diversidade, mesmo que em entrevistas e depoimentos a autora afirme não ter escrito a obra com caráter social, mas sim a partir de vivências e experiências de brincadeiras com sua filha em casa, decidiu escrever um livro inspirada na criança.

A narrativa começa com um “Era uma vez” e tem como personagem principal uma menina e um coelho. A menina é muito bonita, de olhos negros brilhantes que nem azeitonas pretas, cabelos enroladinhos feito fiapos da noite, pele escura, lustrosa igual à pantera. A mãe a enfeitava com tranças e laços de fita colorida e a compara às princesas das terras da África ou uma fada do reino de Luar.

Seu vizinho era um coelho branco que admirava a menina. Dizia que queria ter uma filha pretinha e linda igual a ela. Ele pergunta por várias vezes a menina: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?” A menina estava sempre inventando uma resposta e o coelho acreditava em todas e experimentava: caiu na tinta preta quando era pequena, tomou muito café, comia muita jabuticaba... Até que a mãe resolveu falar que era “artes da avó da menina!”. Então o coelho decidiu procurar uma coelhinha e encontrou uma escura como a noite. Casaram-se e tiveram uma ninhada de filhotes de todas as cores, inclusive uma coelhinha bem pretinha afilhada da menina bonita do laço de fita que morava ao lado.

A leveza que a narrativa proporciona durante a leitura faz com que o leitor seja cativado com uma linguagem lírica que envolve e desperta a sensibilidade. Leva à fruição da leitura de forma que mexe com a imaginação de quem lê e, no tocante ao público infantil, promove um encantamento por meio dos personagens descritos na história.

Portanto, o trabalho em sala de aula, com as duas obras mencionadas, visava promover o encontro dos alunos com a leitura literária a fim de despertar o gosto pela literatura. Além disso, também vivenciar a leitura literária na sala de aula por acreditarmos na necessidade de formar leitores de literatura e não leitores mecanizados para decodificar o signo linguístico.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHO PARA A PRÁTICA

Nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram utilizados na construção desse estudo. Iniciamos o capítulo caracterizando nossa pesquisa quanto a abordagem, os instrumentos de coleta dados e a proposta de intervenção. Para isso, nos baseamos nos escritos de alguns teóricos como: Oliveira (2007), Gil (2002), Bogdan e Biklen (1994). Depois descrevemos o campo empírico e os sujeitos protagonistas que oportunizaram a trabalho no campo. Por fim, temos o detalhadamente da Sequência Básica proposta por Cosson e utilizada em nossa intervenção para a formação do leitor literário.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA: UM CAMINHO A SER MENCIONADO

Segundo Gil (2000), a pesquisa é um procedimento sistemático racional que visa à resolução de um ou mais problemas a partir de métodos científicos. Como infere o autor, a prática de pesquisar precisa estar em consonância com métodos adequados para os objetivos pretendidos. Desse modo, dependendo da coleta de dados, da abordagem utilizada e da intervenção proposta, uma pesquisa pode ser caracterizada em vários nomes. Mais precisamente afirma Gil (2008, p.29),

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

O autor ratifica que os resultados de uma pesquisa dependerão dos métodos selecionados para efetivá-la. Desse modo, concordamos com o autor e selecionamos como abordagem de pesquisa para nosso estudo a pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2009), a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador compreender os significados/sentimentos expressados pelos participantes da pesquisa, considerando a subjetividade de cada um. Isto é, dentro da pesquisa citada, os sujeitos e o pesquisador podem interagir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Para Locke e André (2015, p. 20), “o estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Desse modo, percebemos que a

abordagem da pesquisa consente em conhecer a subjetividade das informações a partir da contextualização da realidade, crenças e valores que envolvem o pesquisado. Como vemos, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois ela integra as ciências sociais com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser qualificado.

A preocupação em relação à pesquisa qualitativa se volta para sua subjetividade, uma vez que o quantitativo ou a objetividade não é expressa no levantamento dos dados, porque ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes que os investigadores qualitativos têm com o significado. Entre os mais diversos significados, conforme Oliveira aborda, qualitativa parte da reflexão e análise de uma determinada realidade buscando modificá-la.

Nesse contexto, optamos por trabalhar com a pesquisa qualitativa, porque ela nos permitiu uma análise mais profunda dos dados descritivos e subjetivos com os envolvidos na pesquisa. “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. Bogdan; Biklen, (1994, p. 48).

Ao tomarmos como referência a formação do leitor literário, seria imprescindível não estar em contato direto com os sujeitos estudados em seu contexto de moradia. Somente dessa forma, poderíamos encontrar respostas condizentes com as indagações que nos levaram inicialmente às perguntas que suscitaram o objeto de estudo e o problema de pesquisa. Desse modo, ratificamos que este é um estudo de abordagem qualitativa, por entendermos que este tipo de metodologia trata o fenômeno em toda sua profundidade de análise e interpretação, buscando dar-nos a compreensão e os significados das questões que serão abordadas e não apenas suas explicações. Nesta perspectiva, Bogdan e Biklen (1994) apresentam as seguintes características que modelam uma pesquisa qualitativa:

- a) A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- b) os dados recolhidos são na sua essência descritivos;
- c) os processos merecem um interesse maior do que os resultados ou produtos;
- d) os dados são, sobretudo, analisados de forma indutiva;
- e) o ponto de vista dos participantes assume especial importância (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.61).

Assim, entendemos que para esses autores, a abordagem qualitativa apresenta-se como aquela que procura descrever e analisar os diversos comportamentos no ambiente natural em que as ações ocorrem. Essa abordagem permite descrever os detalhes das situações vividas pelos participantes da pesquisa durante a coleta de dados. A partir dos detalhes observados, a pesquisa qualitativa nos dá o suporte necessário para interpretarmos os significados obtidos pelos participantes durante o trabalho executado. De acordo com Oliveira (2007p.37),

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa permite a compreensão do objeto estudado de forma detalhada, estudando as subjetividades apresentadas e abrangendo suas diversas estruturas e discussões levantadas. Assim, desenvolve o estudo por meio da análise de reflexões e análises de conteúdo. A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos e acontece pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

De acordo com Lüdke e André (2015, p. 20), “o estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Diante disso, percebemos uma ligação enorme entre esse tipo de pesquisa e a nossa proposta, na qual temos a preocupação de irmos além das descrições obtidas no ambiente escolar.

Essa abordagem nos ajudou a encontrar nela uma autonomia e flexibilidade que proporcionará avaliar a situação estudada com mais criatividade ao tentar buscar, nas práticas de ensino dos professores e nas opiniões dos alunos, um tipo de revelação que só pode emergir quando se está frente a frente com o objeto estudado, avaliando as perspectivas, os valores e as expressões esboçadas nos momentos analisados.

Nosso estudo também foi caracterizado como uma pesquisa descritiva por termos como objetivo a descrição das características da população, estabelecendo

associação entre as variáveis existentes. De acordo com Gil (2002), um estudo descritivo é aquele que nos permite uma análise mais profunda da obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos e acontece pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, o que nos ajudará a compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos da situação em estudo, tendo seu caráter aberto e flexível. Oliveira (2001, p68) também nos ajuda com a caracterização ao dizer que:

A pesquisa descritiva vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada.

A partir dessa caracterização e aplicação dos estudos citados, realizamos um estudo sistemático acerca da leitura literária e sua influência para a formação do leitor no Ensino Fundamental por meio de obras de Ana Maria Machado. Como houve uma constante participação do pesquisador na comunidade estudada e esse pode intervir resolvendo a situação problema identificada, nossa pesquisa foi também classificada como uma pesquisa participativa. Segundo Gil (2000), o termo pesquisa participante designa um estudo que observa a diversidade, a pluralidade e tem como norte a alteridade e a autorreflexão na produção do conhecimento sobre a diversidade humana.

### 3.2 UM CANTINHO NO MEIO DO CAMPO

A escola campo de pesquisa é uma instituição que se localiza num cantinho no meio do campo. A instituição ainda não tem um nome de “batismo” como costumamos ver nos demais locais. Nisto os integrantes da comunidade deram-lhe um nome que faz referência a localização. Temos assim, a Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental de Bandarra, (E.M.E.I.F), localizada no sítio Bandarra zona rural de São João do Rio, no sertão Paraibano.

A instituição hoje funciona em um prédio com instalações adequadas para os alunos exercerem o processo de ensino e aprendizagem, mas não foi sempre assim. A “escolinha”, como era chamada pelos moradores, funcionava em prédio deteriorado,

com poucas cadeiras, poucas luzes e foi nesse prédio que aconteceu nossa intervenção, sem nenhum conforto de um prédio escolar.

Cinco salas e algumas delas não tinham nem janelas, as cadeiras eram desconfortáveis e estavam danificadas, janelas e portas deterioradas, nenhuma biblioteca, mas muitos sonhos sendo construídos naquele ambiente. O prédio: uma associação comunitária de moradores, que após muitas petições e cobranças da comunidade, o prefeito resolveu alugar, visto que antes as aulas aconteciam em casas doadas pelos próprios moradores. Foi somente no ano de 2008 que a “escolinha” passou a ter um lugar fixo, que embora não fosse um ambiente extraordinário, a equipe de profissionais superava todos os obstáculos e auxiliavam, cotidianamente, na formação individual e coletiva de cada estudante.

As salas de aulas por ser de pequeno porte tornavam-se restritas para o desenvolvimento das aulas no dia a dia, não favorecendo a praticidade que uma escola deve promover, ainda mais um espaço que atende crianças. Tudo que tínhamos era um espaço físico, quadro e cadeiras. Mesmo nessas condições a escola ofertava <sup>1</sup> os seguintes níveis de ensino: Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e adultos (EJA) na modalidade dos anos iniciais.

Os alunos não tinham espaço coberto para brincar no recreio ou fazer apresentações em público, mas exerciam essas atividades ao ar livre e ficavam felizes com as brincadeiras a céu aberto. Não tinham uma sala de leitura, apenas um armário com alguns livros. Armário esse que ficava na sala da diretoria que às vezes se confundia com um depósito, já que era o único espaço para colocarmos os materiais pedagógicos. Todavia, o processo de leitura não deixou de acontecer e desenvolvemos nossa intervenção nos pequenos espaços da sala de aula e na praça pública da Bandarra.

A classe socioeconômica das crianças que ali estudam varia entre classe baixa, classe média baixa e uma minoria em classe média<sup>2</sup>. Essa divisão se deve ao fato de que esses alunos vêm de famílias de agricultores, aposentados, funcionários públicos e pequenos comerciantes do distrito. A grande maioria que aqui reside produz seus próprios alimentos e madrugam nessa empreitada de plantar e colher para ter todos os dias o pão a mesa.

---

<sup>1</sup> O verbo faz referência ao antigo espaço, visto que atualmente já estamos em um espaço físico estruturado como deve ser uma escola.

<sup>2</sup> Mostraremos esse número em gráficos no capítulo de análise.

A escola ou “escolinha” comportava 178 alunos distribuídos nos turnos: manhã, tarde e noite. A instituição busca, embora com dificuldades, trazer sonhos de uma vida melhor para os humildes moradores da Bandarra. Os pais, em sua maioria analfabetos ou analfabetos funcionais, sabem que a educação transforma sonhos em realidade e, por isso, investem como podem na educação de filhos, almejando os verem inseridos uma sociedade mais justa e igualitária.

### 3.3 OS PEQUENOS CAMPESINOS PROTAGONISTAS

A turma selecionada para a execução da pesquisa foi o 3º Ano do Ensino Fundamental. Ela é composta por 11 alunos na faixa etária de oito e nove anos que corresponde a idade definida pelo Ministério da Educação (MEC) para o nível citado. Os alunos selecionados não têm acesso a eventos culturais como teatro, cinema, feiras de leitura e demais fatores que auxiliam no desenvolvimento social dos indivíduos.

Logo de início detectamos que a turma apresentava dificuldades de leitura e escrita. 5 alunos liam fluentemente, mas tinham dificuldades de interpretação e 6 alunos não liam com fluência, apenas juntavam as palavras e as decodificavam sem uma contextualização. No geral, todos apresentavam fragilidade na interpretação de textos literários e não tinham a prática de ler obras literárias. Isso pode ser resultado de dois fatores. O primeiro é que a turma sempre fez parte das salas de aula multisseriadas<sup>3</sup>. Até o ano de 2016 estudavam com alunos de idades e série diferenciadas.

Esse fator pode ter contribuído para a dificuldade de leitura e letramento literário porque em uma turma de multisseriadas o professor precisa desenvolver um trabalho diferenciado para cada aluno e às vezes não sobra tempo para ler obras literárias e adequá-las ao contexto de cada aluno. O segundo motivo é que a grande maioria dos pais desses alunos são analfabetos e possuem um baixo poder aquisitivo para a compra de livros ou acompanhamento das leituras efetuadas em casa.

Os alunos por nós selecionados moram todos nas proximidades da escola, são extrovertidos, participativos, mas sentiam-se envergonhados para efetuar leitura em voz alta e apresentar-se em público. Para os conhecermos com mais afinco,

---

<sup>3</sup> Turmas de vários alunos de séries diferentes que estudam com um mesmo docente.

elaboramos questionários e aplicamos com o objetivo de adentrarmos as suas realidades. Esse procedimento nos possibilitou identificar: o perfil da turma, dos pais, a escolaridade, o nível de letramento dos alunos e seus possíveis gostos pela leitura literária.

O trabalho com crianças requer muita responsabilidade e afetividade, por isso, conhecer o contexto que eles vivem é um fator relevante na elaboração de uma sequência básica. Ao identificamos suas principais dificuldades, seus sonhos e como vivem os seus pais, nos tornamos mais próximos deles e o ensino passa a fazer mais sentido, pois somos sujeitos emocionais e nossa emoção está ligada a tudo que fazemos no decorrer da vida.

### 3.4 APRECIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Nossa proposta de intervenção teve início em 10 de julho de dois mil e dezessete (10/07/2017) e foi finalizada em onze de agosto de dois mil e dezessete (11/08/2017). Para que pudéssemos conquistar resultados positivos em nossa proposta de intervenção, desenvolvemos objetivos que nos ajudaram a inovar, a dinamizar e a ressignificar as aulas de literatura. Estes foram os objetivos que introduzimos em nossa pesquisa.

- Desenvolver o gosto pela leitura literária;
- Apreciar as obras “Dona Baratinha” e “Menina Bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado;
- Construir cadernos literários para se aproximarem da literatura;
- Observar as aulas de literatura como parte de sua rotina escolar;

Embora já tenhamos refletido sobre a estrutura básica da sequência produzida por Cosson (2016) para a formação do leitor literário, consideramos pertinente retomar o assunto para compreendermos com maior propriedade as etapas da nossa intervenção.

A sequência básica, segundo Cosson (2016), tem, entre os diversos objetivos, formar e desenvolver as habilidades necessárias para que os alunos se aproximem da literatura e a percebam em sua infinita imensidade. A SB é formada por quatro passos ou etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A metodologia foi

elabora com vistas aos anos finais do ensino fundamental, mas nada impede que os docentes a apliquem também nos anos iniciais ou até nos espaços acadêmicos, como consta nos próprios relatos do autor.<sup>4</sup>

A motivação busca explorar a antecipação que o leitor faz diante de um título de um livro, procurando despertar seu interesse pela leitura. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Nesse momento é possível explorar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da obra apresentada e gerar troca de expectativas e opiniões motivando o desenvolvimento das habilidades que facilitam no processo de compreensão da leitura.

A introdução é a apresentação do autor e da obra a ser lida. O professor deve apresentar o livro chamando a atenção dos elementos que introduzem a obra analisando detalhadamente os elementos verbais e não verbais que precedem o texto, como também é de fundamental discorrer acerca do autor. O importante é introduzir a leitura de forma que desperte a curiosidade do leitor.

O acompanhamento da leitura é primordial para que o professor perceba as dificuldades dos alunos e, assim, possa intervir efetivando estratégias que possam sanar tais dificuldades. Para Cosson (2016, p. 62), “A leitura escolar precisa de um acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir e esse objetivo não deve ser perdido de vista”

O período da leitura deve ser dinâmico e com finalidade clara para que os alunos consigam finalizar o processo, este pode ser realizado na sala de aula ou fora dela. É importante desenvolver atividades orais ou escritas a partir da leitura para que enquanto as habilidades linguísticas sejam estimuladas, os alunos passem pelo processo de inferência e contato com a obra literária.

A interpretação assume o momento da construção dos sentidos, por meio de inferências que envolvem o autor, o leitor e a comunidade. É o que buscamos atingir a partir da leitura, a interpretação perpassa dois momentos: um interior e outro exterior.

O momento interior é o processo de leitura sistemática da obra, esse processo é de caráter individual e único. O momento externo é a concretização e a construção de sentidos da comunidade, sendo também o resultado de todos os passos que o

---

<sup>4</sup> Em sua obra (Letramento literário: Teoria e Prática) Cosson (2016) traz relatos de conferências suas e eventos nos quais a SB teve resultados positivos entre os docentes e acadêmicos.

antecederam, pois, a interpretação externa envolve todo o conhecimento adquirido durante a execução da sequência.

A seguir apresentamos os detalhes da sequência básica colocada em prática no 3<sup>a</sup> ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental da Bandarra.

Antes de colocarmos em prática as etapas da SB, aplicamos um questionário na turma do 3<sup>o</sup> ano para que pudéssemos identificar o contexto social dos alunos, qual o nível de leitura e escolaridade dos pais, o poder aquisitivo também dos seus pais e quais os contatos dos alunos com obras literárias. Nosso objetivo era diagnosticar quais as expectativas dos alunos em relação a leitura de textos literários, quais os principais empecilhos para a efetivação dessa atividade e como nós poderíamos proceder no decorrer da proposta para colaborar com a formação literária desses alunos. (Ver os questionários no anexo (A B,C,D,E,F,G,H,I,J,L,K)

Após a análise dos questionários<sup>5</sup>, iniciamos nossa intervenção. Dividimos a abertura em dois momentos: no primeiro momento convidamos os alunos para sentarem no pátio e iniciamos um diálogo com eles. As interações partiram de perguntas informais tais como: alguém aqui já teve um livro? Quem gosta de viajar no mundo da imaginação? Quem aqui já foi a uma livraria? O que vocês mais gostam de fazer nas horas livres? Os alunos foram gostando da conversa e não se envergonhavam de responderem as nossas perguntas. Esse momento foi descontraído porque nós nos sentamos com eles no pátio e os deixamos à vontade para se aproximarem de nós. Nosso propósito era uma aproximação mais espontânea com os alunos, porque entendemos que as crianças precisam de afetividade para tornarem o processo de aprendizagem significativo.

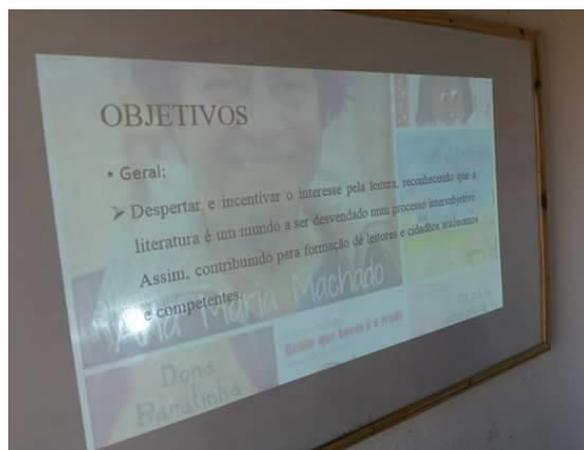
Após essa roda de conversa, fomos ao segundo momento da abertura da intervenção. Convidamos os alunos a voltarem a sala de aula e lá preparamos uns slides personificados sobre as obras literárias de Ana Maria Machado e perguntamos se eles aceitavam participar do nosso projeto de intervenção. Explicamos que seriam aulas dinâmicas, que eles iriam gostar e aprender brincando. Entusiasmados, todos responderam que sim. Assim, continuamos com a exibição de slides, apresentando como seria o projeto, ressaltando os objetivos que juntos construiríamos, ou seja, estávamos sempre os motivando a aceitarem o novo que viria. Esse momento,

---

<sup>5</sup> A análise dos questionários foi feita em gráficos e esses encontram-se em nosso capítulo de análise. Optamos por colocá-los em nosso capítulo de análise porque eles nos ajudaram a comprovar a interferência positiva da escola na vida dos alunos em relação ao contato com a leitura literária.

embora tenha sido por meio de slides, o que poderia ser monótono para uma turma de terceiro ano, não foi. Nossa exposição foi dinâmica, pois andávamos entre eles, os ouvíamos e deixávamos à vontade para expor suas considerações a cada novo slide.

Nessa aula também apresentamos o nosso caderno literário e perguntamos aos alunos se eles aceitavam confeccionar os seus. Eles tiveram a oportunidade de folhear o nosso caderno e encantaram-se pelas imagens, os desenhos e os textos literários colados e aceitaram fazer. Vejamos as imagens dos momentos citados:



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Ainda nessa aula conversamos com os alunos sobre a escritora Ana Maria Machado. Expomos de forma sucinta sua biografia, seus sonhos e um pouco da sua história de vida. Esse momento foi relevante porque mostramos aos alunos o que é ser um escritor de obras literárias e como as pessoas comuns podem se tornar conhecidas pelas muitas gerações através dos seus livros. Os alunos nos ouviam atentamente e mostravam-se interessados no assunto.

Para essa aula levamos imagens de Ana Maria Machado para os alunos a conhecerem e algumas obras literárias suas para que eles se sentissem mais próximos da autora. As imagens circularam por toda sala e os alunos atentamente as passavam de um para o outro, como as cadeiras estavam em círculo não houve impedimento para a efetivação dessa atividade.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisador

Um recurso por nós utilizado nessas aulas e que chamou bastante a atenção dos alunos foi o uso de um avental confeccionado por nós com letrinhas coloridas. O avental era um simples aparato doméstico, mas nós o reciclamos, dando um novo visual para as aulas de literatura. As crianças encantaram-se pelo colorido das letras e assim fixavam ainda mais seus olhares sobre nós.

Para surpresa deles, em um determinado momento, tiramos do bolso do avental imagens e poemas diversos para que eles pudessem recitar. Já estávamos iniciando o processo de motivação e encantamento pela leitura literária. Chamamos alguns alunos para colocar a mão em nosso bolso mágico e tirar um poema ou uma imagem que se relacionava com os poemas ali colocados. Cinco alunos executaram essa atividade e gostaram da brincadeira. A estratégia do avental despertou a curiosidade dos alunos e todos queriam tirar algo do bolso mágico da professora.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A partir desse contato inicial com a leitura literária começamos efetivamente a intervenção. As poesias, as imagens e o recurso do bolso mágico nos ajudaram a introduzir a primeira obra a ser trabalhada em nossa intervenção: “*Dona Baratinha*”. Passaremos a descrever como se deram as etapas propostas por Cosson (2016) em relação à formação do leitor literário.

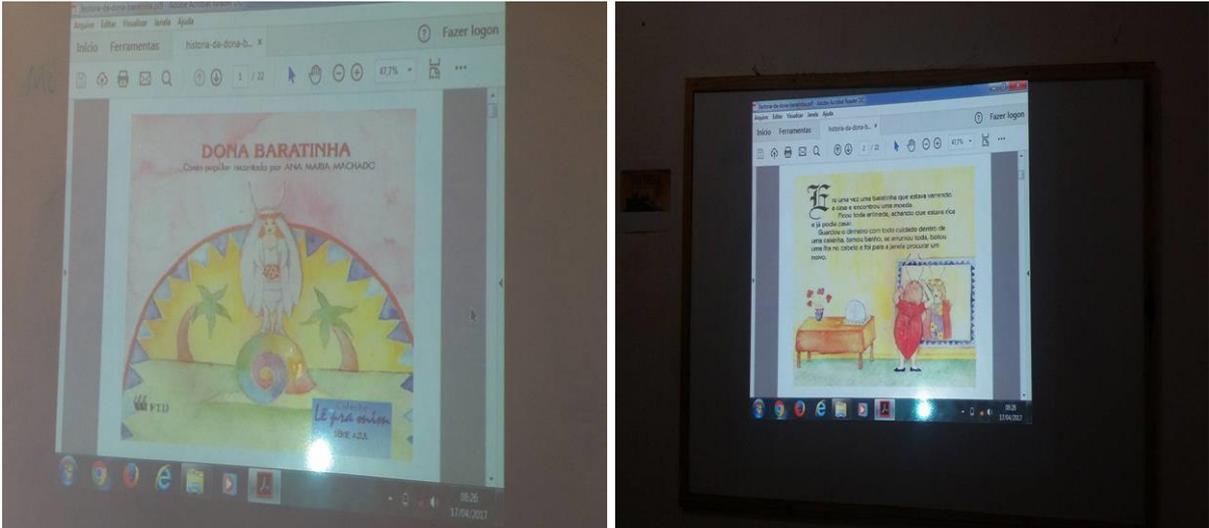
### **3.4.1 O uso da sequência básica na formação literária**

A intervenção didática aconteceu com duas obras literárias da autora Ana Maria Machado. Vejamos agora a descrição da Sequência Básica de Cosson (2017) aplicadas às “*Dona Baratinha*” e “*Menina bonita do laço de fita*”.

#### **❖ Motivação: a busca pelo caminho de formar leitores**

Nossa motivação foi iniciada com a ilustração da capa da obra de “*Dona Baratinha*”. Como não conseguimos a obra impressa para folhearmos entre os alunos, a levamos em slide e exibimos na *datashow*. Compreendemos a importância da obra física, inclusive Cosson (2016) convida os docentes a levarem a obra original para os alunos, mas nós não a encontramos na escola e não consideramos esse um motivo pertinente para a substituí-la. Explicamos para os alunos que era importante eles folhearem a obra física, e que em um posterior momento conseguiríamos uma versão.

Após essa explicação, os alunos sentiram-se valorizados e iniciamos a pré-leitura da capa, com o objetivo de motivá-los a adentrar o mundo da obra. Nesse momento, observamos as cores, as letras grandes, o nome Baratinha com inicial maiúscula, o nome Dona em destaque e o nome do ilustrador. Os alunos apontavam o que encontravam na capa e nós fazíamos os comentários. O colorido do *datashow* ajudou-nos a chamar atenção dos alunos. Vejamos nas fotos a seguir a exibição da capa em slides.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Após a exibição e a análise da capa, por meio de slides, fomos ao segundo momento da motivação; entregamos a capa da obra impressa em cor a cada aluno e pedimos que olhassem bem para os detalhes ali colocados e dissessem sobre o que tratava o livro. Para essa atividade não fizemos um comando escrito, ela foi executada oralmente entre nós e os alunos. Com a capa em mãos, alguns responderam que era a história de uma barata e os demais confirmaram.

Os instigamos a pensar mais sobre o tema e perguntamos: mas quem será essa barata? O que ela faz? Por que ela é uma dona baratinha? Será que é uma barata velhinha? Os alunos faziam suposições e animados tentavam acertar sobre o que realmente a obra tratava. Continuamos as perguntas: “Alguém conhece a história de Dona Baratinha?” “O que vocês acham das imagens que aparecem na capa do livro?” “Sobre o que será que falará a história?” Alguns alunos responderam não conhecer e outros fizeram menção a cantiga de roda “A barata diz que tem”. Aproveitamos a oportunidade e convidamos os alunos para cantar a cantiga em círculo e eles gostaram da iniciativa.

Após a brincadeira, os convidamos a sentar e continuamos a motivação sobre o livro. Pedimos aos alunos que dessem um nome real a barata e imaginassem como seria um mundo repleto de “donas baratinhas”. Eles sorriam com as suposições e então perguntamos se eles estavam com desejo de ler a obra e todos ficaram empolgados com a possibilidade de desvendar os mistérios da “Dona Baratinha de Ana Maria Machado. A cantiga, a exibição da capa em slides e a análise da capa

impressa motivaram os alunos a fazerem inferências sobre a história. Finalizada essa etapa, fomos a introdução da obra citada.

### ❖ **Introdução: o início das descobertas que o texto literário proporciona**

Essa segunda etapa da SB precisa ser desenvolvida com elementos da obra propriamente. Desse modo, consideramos pertinente retomar a análise da capa e fazer os alunos perceberem que além de uma autora, algumas obras literárias têm também outros organizadores que fazem a obra ganhar vida. Apresentamos a ilustradora Maria Eugênia e explicamos aos alunos que a ilustração fornece muitos elementos que nos ajudam na interpretação de uma obra literária. Eles ficaram admirados com a nossa exposição, pois nós exemplificamos como acontece o trabalho de um ilustrador.

Após essas explicações passamos a analisar os elementos que compõem a contracapa da obra. Essa análise foi instigante porque, ao ver a última página, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a criatividade e a imaginação. A contracapa mostra a Dona Baratinha toda arrumada, de óculos escuros, totalmente livre, passeando em seu carro. Iniciamos o processo de questionar os alunos sobre qual seria o final daquela narrativa ou porque a protagonista estava ali tão sorridente. Eles interagem com diversas respostas e entre esses a de um aluno nos chamou atenção: “– Professora, acho que dona baratinha vai viajar sozinha pelo mundo!”

Iniciamos um debate sobre o tema solidão e viagem. Conversamos sobre como os alunos se sentiam quando estavam só e quais os lugares que eles desejariam viajar quando tivessem a oportunidade. Aproveitamos o momento para lembrá-los de que os livros nos ajudam a fazer espetaculares viagens no mundo da imaginação. Conversamos um pouco mais sobre para onde a personagem iria e o que teria acontecido dentro na narrativa para ela terminar sozinha naquele carro tão feliz.

Quando finalizamos as introduções com os elementos citados, voltamos para a biografia da autora Ana Maria Machado. Como já havíamos conversado um pouco sobre a vida dela na apresentação do projeto, optamos por retomar apresentando mais detalhadamente quem ela era e como surgiu seu desejo por escrever. Não trouxemos uma longa biografia sobre a autora para não tirar o foco da leitura do livro. Usamos o mesmo material já lecionado na apresentação, ampliando algumas informações.

Para que as aulas continuassem dinâmicas, expomos a foto da autora em slide e apresentamos suscitas informações sobre ela. Também entregamos aos alunos fatos históricos da vida da autora para eles lerem e comentamos sobre o assunto.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Os alunos assistiram à apresentação dos slides e em seguida foram ler uma parte da biografia impressa da autora entregue por nós. Após a leitura compartilhada do material, fizemos o seguinte questionamento para eles: e se cada um de vocês se tornasse um escritor, que tipo de livro vocês gostariam de escrever? Alguns alunos responderam que sobre desenhos, outros sobre heróis e somente uma aluna disse que sobre sonhos. Perguntamos como seriam esses sonhos e ela nos disse que todas as pessoas tinham sonhos e ela gostaria de escrever um livro de sonhos.

Continuamos essa etapa ouvindo os alunos e relacionando suas respostas à biografia da autora Ana Maria Machado. Nosso objetivo continuava sendo o despertar para o gosto pela leitura literária e no caso o desejo por ler e conhecer de fato a obra produzida pela autora que tanto tínhamos estudado. Após o debate e a introdução sobre a obra “Dona Baratinha”, fomos ao deleite, fomos a sua apreciação, fomos a leitura da obra literária.

#### ❖ **Leitura: O deleite literário**

A leitura da obra na íntegra foi nosso terceiro passo. Ratificamos que não tínhamos a obra impressa em mãos, por isso, continuamos nossas aulas com a

exibição de slides no *datashow*. A obra “Dona Baratinha” não é extensa, então optamos por efetuar a leitura em sala. Pedimos aos alunos que escolhessem um lugar para sentarem e ficarem à vontade em suas cadeiras para iniciarmos a leitura da obra.

Exibimos os slides a cada página e juntos efetuamos a leitura oralmente. Líamos uma página e pausávamos para indagar aos alunos sobre o que eles achavam que iria acontecer. Cada aluno tinha seu momento de ler o parágrafo e aqueles que tinham uma dificuldade maior nós auxiliávamos. Nós também tivemos nossa participação efetuando a leitura, gesticulando e com tom de voz adequado.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nessa leitura feita em pausas, nós parávamos a cada novo pretendente da dona baratinha e perguntávamos? E agora, será que ela aceitará casar com ele? Os alunos criavam as suas expectativas e ficavam ansiosos para ler a próxima página. Essa leitura além de os envolver, os faz desenvolver a curiosidade para conhecer toda a história.

Após essa leitura compartilhada e pausada, fizemos uma segunda leitura teatralizando as reações de cada personagem. Essa leitura envolveu ainda mais a turma e os alunos sorriam com nossa teatralização. Nosso objetivo era ajudar os alunos a perceberem a entonação e os demais recursos literários presentes no texto literário.

Finalizada essa leitura, fizemos um debate sobre a obra para observarmos quais sentimentos tinham emergindo nos alunos após conhecer a história. Eles responderam que gostaram do texto, que Dona Baratinha era muito inteligente. Continuamos perguntando sobre qual trecho chamou mais atenção, qual personagem foi mais ousado, quem a protagonista escolheu e se as inferências deles do início agora correspondiam a leitura final do texto. Para encerrar o momento, exibimos um

vídeo<sup>6</sup> musicalizado sobre a “Dona Baratinha” com a intenção de acrescentar o deleite que o livro os proporcionou. Apreciada a obra, fomos a última etapa da SB, a interpretação.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

#### ❖ **Interpretação interna e exterior: A opinião dos pequenos no reconto**

Agora que os alunos já conheciam obra, partimos para a interpretação. Promovemos nessa etapa uma sequência de atividade que respondesse, para nós, se havíamos contribuído na formação desses alunos como leitores.

Nossa primeira atividade foi um debate interpretativo sobre a obra e em seguida um pequeno texto com a opinião<sup>7</sup> dos alunos sobre a obra “Dona Baratinha”. As respostas tinham que ser individuais e de acordo com a interpretação e a recordação de cada aluno sobre o texto lido. Para a realização dessa atividade, os alunos ficaram em círculos e poderiam interagir com os colegas, mas não reproduzir as mesmas respostas desse.

---

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=FRvLgeUEVMc> acesso em 16 de julho de 2017

<sup>7</sup> Esse texto fará parte do capítulo de análise, pois o selecionamos como corpus de pesquisa.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Um segundo momento de interpretação foi realizado em dois grupos. Entregamos um papel cartão a cada equipe e solicitamos que recontassem a narrativa. Uma equipe fez o reconto escrito, e a outra a ilustração em desenho. Todos podiam participar, opinar, colorir, escrever, ao final, cada equipe apresentaria seu trabalho.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Os registros por ilustrações também foram feitos de forma individual no caderno literário, assim como o questionário interpretativo e a opinião dos alunos sobre a obra lida. Essa atividade foi instigante para os alunos externarem a compreensão da obra literária e percebermos que por meio da Sequência básica de Cosson (2016), os alunos encantaram-se pela leitura da obra, interpretaram-na coerentemente e souberam externar sua interpretação para os colegas.

Em um último momento fizemos mais uma atividade para ter certeza que a obra havia sido compreendida pelos alunos: entregamos a eles fragmentos da obra desordenados para que juntos eles colocassem em ordem. A ordem deveria seguir a sequência dos acontecimentos narrados. Para a execução dessa atividade, utilizamos um tecido de TNT sobre o chão e estrategicamente distribuimos as folhas com a história para baixo para que os alunos pudessem pegar qualquer trecho da narrativa, colocassem em ordem e colorissem os desenhos. A turma executou a atividade e, após a socialização das equipes, concluímos a SB relacionada à primeira obra selecionada para nossa intervenção.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Após realizarmos as etapas da SB referente à obra de Dona Baratinha, propomos aos alunos a apreciação de outra obra de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita”. Nossa opção partiu do resultado do desejo de ver os alunos conhecendo, apreciando, interpretando outra obra literária, visto que a grande maioria, conforme conta na análise dos gráficos, não tem contato com a leitura literária em suas residências. Continuamos com a autora Ana Maria Machado porque consideramos pertinente fazer os alunos perceberem as diferentes formas que um autor pode utilizar para produzir seus textos.

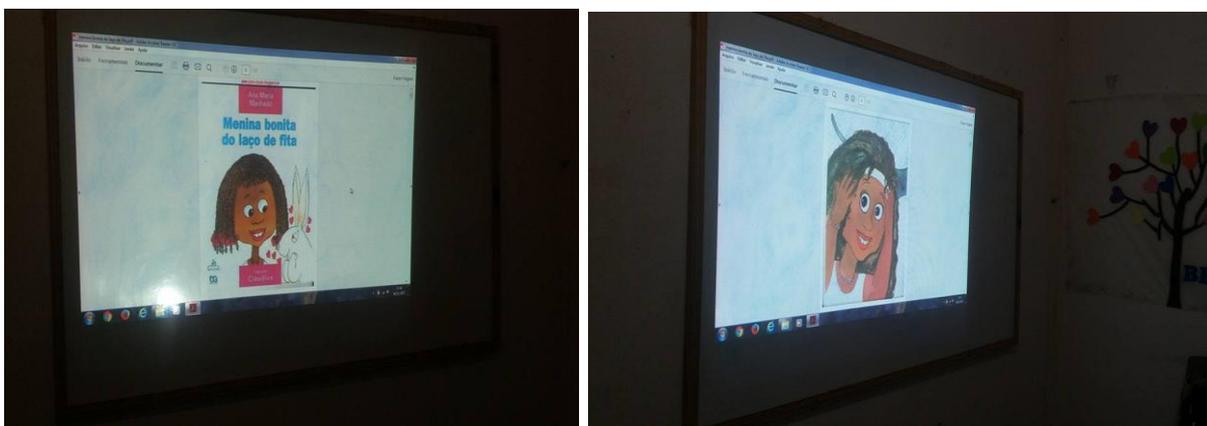
A proposta metodológica foi também a sequência básica de Cosson (2016), porém diversificamos todas as estratégias utilizadas com a obra anterior para surpreender os alunos e motivá-los a ler mais uma obra da autora. Sabíamos que se todas as etapas fossem desenvolvidas tal como na obra de “Dona Baratinha”, os alunos poderiam não participar das atividades porque as crianças gostam de novidades, de novas possibilidades e de novos desafios. Vejamos a descrição das etapas da SB em relação a “Menina Bonita do laço de fita”.

### ❖ **Motivação: a continuidade do despertar para a leitura literária**

Iniciamos nossa motivação a partir de um passeio no campo nas proximidades da escola. Como as aulas são no turno matutino, o sol não estava tão forte e a neblina da noite ainda pairava sobre o verde do sítio. Assim que os alunos chegaram, os convidamos a guardar seu material e sair conosco para um passeio fora da escola. A iniciativa empolgou os alunos, pois a saída da escola na hora da aula já torna o processo de aprendizagem diferenciado.

Durante o passeio, observamos o verde e fizemos uma pergunta introdutória para dialogarmos sobre a obra que seria trabalhada. Fizemos o seguinte questionamento? Vocês gostam de ser quem são e de morar na Bandarra? Alguns responderam que sim e outros disseram que queriam morar mais perto da cidade para passear mais vezes. Continuamos a conversa e perguntamos: e se vocês pudessem trocar de vida com alguém, vocês aceitariam? Nosso objetivo era introduzir os questionamentos contidos na obra no momento em que o coelho indaga a protagonista sobre sua cor.

Após essas interações, voltamos para a escola com os alunos e fomos para a sala de aula para efetuar o segundo momento da motivação. Na sala ligamos o projetor de multimídia e iniciamos a apresentação da nova obra de Ana Maria Machado. Exibimos a capa em slide e optamos por fazer assim porque percebemos que os alunos gostavam de aulas com o retroprojetor. Como eles não tem acesso a essa tecnologia em suas residências e em muitas casas, como eles mencionavam, a televisão tinham uma tela pequena, torna-se uma novidade a tela grande na sala e todos em círculo a observando.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora



Após esse momento de produção das tabelas, os alunos foram convidados a introduzirem suas tabelas na caixa misteriosa. Quando todos assim fizeram, passamos a circular com a caixa pedindo aos alunos que procurassem dentro dela a tabela que eles tinham feito. Era uma forma de ajudar no processo de leitura e vê-los aproximando-se da obra literária que seria lida posteriormente.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Essa atividade foi espontânea e os alunos demonstraram empenho. A cada tabela retirada da caixa, o aluno tinha a oportunidade de contar as suas expectativas em relação a obra. Quando todos os alunos realizaram essa atividade, voltamos a apresentar a capa da obra no retroprojektor e ouvimos suas inferências sobre os elementos apresentados na capa, os verbais e não verbais.

Após esse momento, apresentamos a obra física para os alunos e esses a olhavam atenciosamente. Continuamos interpretando e fazendo inferências em relação a capa e tratamos do tema diversidade. A partir da imagem da menina e do pequeno resumo feito, os alunos identificaram a temática da obra e conversaram sobre como é importante cada indivíduo reconhecer suas virtudes e seu papel em uma sociedade.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Em seguida, entregamos a imagem representativa da capa da obra para que fixassem no caderno literário e essa antecedia a colagem do texto que seria lido aleatoriamente e montado na próxima etapa da atividade, que era a leitura

#### ❖ **Leitura: compartilhada e em voz alta**

Para diferenciarmos da estratégia utilizada na obra da “Dona Baratinha”, optamos por efetuar a leitura da obra “Menina bonita do laço de fita” compartilhada e fatiada, isto é, digitamos, fizemos a impressão do texto e o recortamos para entregar aos alunos como estratégia de desafio para a compreensão da leitura.

Eles recortaram e colaram em um cartaz de acordo com a leitura da obra, porque antes de entregarmos, realizamos para eles uma leitura teatralizada em voz alta. Ao final da colagem, os alunos podiam verificar se fizeram a sequência correta, ou seja, de acordo com os fatos narrados por Ana Maria Machado. Essa atividade foi executada no caderno literário dos alunos. Esse momento nos chamou atenção porque dos 11 alunos apenas dois não conseguiram fazer sequência conforme o texto. Nós fomos até eles e auxiliamos na colagem e ao final ficaram satisfeitos por terem finalizado a atividade.

Após o registro final no caderno literário, fizemos mais uma vez uma leitura compartilhada. Todavia nessa leitura pedimos aos alunos para irem a frente e que lessem o texto interpretando os papéis dos personagens. Nosso objetivo era instigá-los a teatralização da obra literária, colocando em prática a etapa denominada de INTERPRETAÇÃO.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

#### ❖ **Interpretação: o teatro como forma de interpretar o lido**

Para finalizar a intervenção e também as etapas da SB de Cosson (2016), propomos aos alunos que fizessem uma peça teatral com a obra. A dramatização da obra “Menina bonita do laço de fita” era uma oportunidade de os alunos expressarem sua interpretação externa conforme propõe Cosson. Os alunos aceitaram dramatizar a obra e passamos a efetivar os ensaios com eles e confeccionar as vestimentas para o grande dia.

Na oportunidade, além do deleite da teatralização, teríamos uma reflexão sobre o respeito a diversidade. Assim o fizemos e no dia 11 de agosto de 2017 lá estavam os alunos, seus pais, outros professores, a equipe escolar e demais integrantes da comunidade prestigiando a apresentação dos alunos do terceiro ano da “Escolinha” da Bandarra.

É preciso dizer que a reflexão era para que o público refletisse sobre o respeito, já que a obra nos oportunizava essa análise, mas ratificamos que nosso foco não teve como central a literatura numa perspectiva crítica, nosso objetivo foi o deleite, a apreciação da obra pelos alunos do terceiro ano, foi vê-los encantados com o diálogo entre os personagens da menina e do coelho, embora essa criticidade não tenha sido ignorada na formação literária desses alunos. Vejamos as imagens da teatralização:



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

As imagens nos mostram a caracterização dos alunos e suas performances. Esses elementos prenderam a atenção do público para continuarem assistindo aos alunos, mesmo após o expediente vespertino ter terminado. Como a escola não tem um espaço próprio e coberto para as apresentações, elas acontecem ao entardecer quando o sol se põe.

Para finalizarmos a nossa intervenção com o mesmo impacto do início da sua realização, convidamos os alunos para um piquenique na praça da Bandarra. Nessa ocasião os deixamos livres para expressarem seus sentimentos sobre a leitura e como se sentiam após nossa intervenção. Os ouvimos atentamente e todos falaram da satisfação de ter participado das aulas. Disseram que sentiam desejo de ler mais obras e que queriam apresentar mais peças ao público.

Denominamos o momento de “Piquenique literário”. Organizamos todas as obras de Ana Maria Machado que tinham disponíveis na escola em um “Baú” e as folheamos, na praça, junto aos alunos. Os estudantes ficaram entusiasmados porque

era mesmo um piquenique. Preparamos comida, ornamentamos o chão com toalhas. Levamos cestas repletas de livros e denominamos o baú de “baú literário”.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

O momento foi bastante proveitoso, já que cada aluno teve a oportunidade de realizar a leitura dos livros existentes no acervo bibliotecário e em um ambiente ao ar livre. Em círculos, eles interagiram e trocaram experiências sobre o que a leitura representava em suas vidas. Ao final degustamos um lanche que previamente combinamos de levar para finalizarmos o piquenique.

Encerrada a intervenção, constituímos nosso corpus de pesquisa que fará parte do capítulo de análise. Como recorte, selecionamos cinco atividades que estão no caderno literário dos alunos e através delas apresentaremos como se deu a concretização da formação do leitor a partir da execução da Sequência básica de Cosson (2016). Os gráficos, como já citados, também irão compor o material de análise e algumas imagens serão também analisadas.

Sabemos que o material produzido foi amplo, por isso, consideramos pertinente fazer um recorte para análise. A escolha por esses cadernos não foi aleatória. Selecionamos as atividades de alunos que não faltaram as aulas, que efetuaram todas as etapas da SB, ou seja, alunos que colocaram em prática os conhecimentos por nós compartilhados na intervenção.

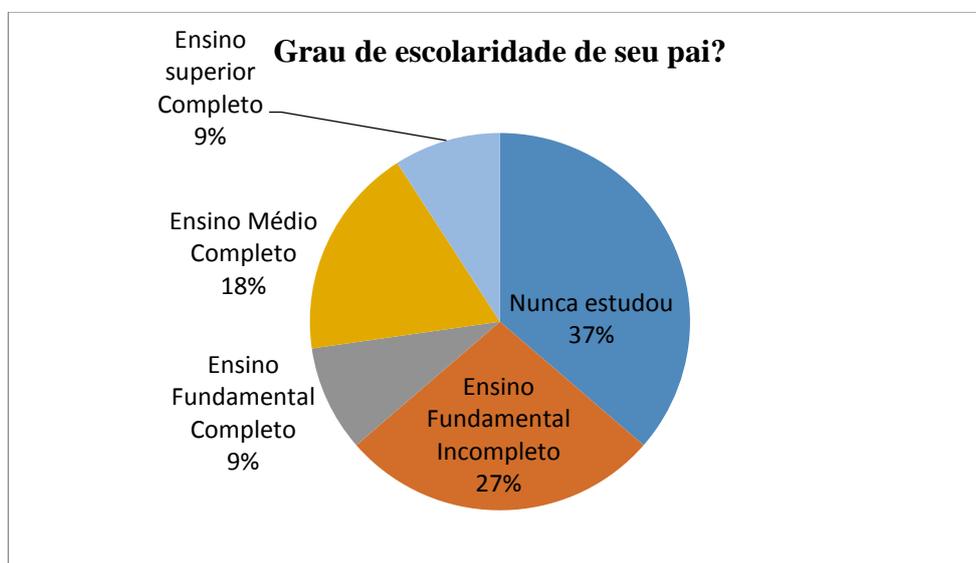
#### 4. ANÁLISE: A LEITURA DE UMA REALIDADE EVIDENCIADA

Neste capítulo apresentaremos a análise da nossa pesquisa. No primeiro momento, trazemos os gráficos e a suas análises. No segundo momento, apresentamos a análise das atividades e das imagens que foram selecionados como *corpus* de pesquisa.

##### 4.1 SUPERANDO AS DIFICULDADES QUE LIMITAVAM O ACESSO À LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Antes de iniciarmos a prática metodológica do ensino de literatura, consideramos pertinente conhecer o perfil econômico e social dos alunos envolvidos na pesquisa. Para tanto, aplicamos um questionário com 10 perguntas e de acordo com suas respostas construímos gráficos. Esses gráficos nos ajudaram a planejar formas singulares de colocar em prática a SB proposta por Cosson(2017).

##### Gráfico 01-



Fonte: Dados da pesquisa (2017)

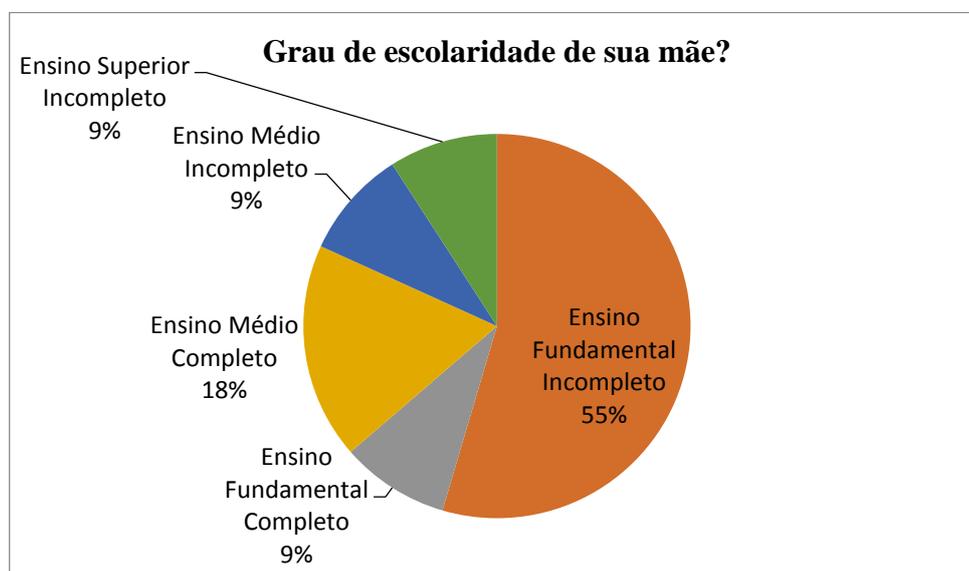
Ao observarmos o percentual descrito no gráfico 1, percebemos que a grande maioria dos pais dos alunos do terceiro ano da Bandarra não é alfabetizada. De um total de 100%, 37% nunca estudou, 27% não concluiu o ensino fundamental e pouquíssimos fizeram o ensino médio. Esses números nos mostram quão difícil é o

acesso dos alunos ao universo da leitura, visto que os pais são, na maioria das vezes, referenciais de heroísmo, encantamento e determinação para seus filhos, principalmente para o sexo masculino.

Nosso foco não é promover uma discussão aprofundada sobre gênero, também não estamos afirmando que um filho não poderá torna-se um leitor por não ver seu pai lendo. Na verdade, o que estamos ressaltando é que, possivelmente, a falta de domínio dos pais, com a leitura, pode dificultar uma aproximação maior com o texto literário.

Acreditamos que se seus pais fossem alfabetizados ou tivessem um grau maior de letramento literário, ajudariam, desde os primeiros anos, seus filhos a gostarem de ler. Dessa forma, a escola seria um suporte, ou seja, mais uma oportunidade para a propagação dessa atividade, mas não única possibilidade para esse encontro. Essa constatação torna-se ainda mais nítida no próximo gráfico que é sobre o grau de escolaridade das mães.

## Gráfico 02



**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

O gráfico 2 faz relação direta com o gráfico 1, isto é, ambos apresentam a dificuldade que os pais têm de ajudar seus filhos a ler, porque eles não têm a leitura como habilidade diária. Se para os meninos a figura do pai transmite exemplo, podemos dizer que para as meninas a figura da mãe também tem fundamental importância ao longo da vida. É na infância que a maioria das meninas costumam

imitar as mães em seus comportamentos diários, pois essa mãe representa proteção, acalento e amparo.

A assertiva acima não se restringe somente as meninas, muitos garotos admiram profundamente suas mães e, ao vê-las executando algo, passam a querer reproduzir. Na zona rural essa relação é mais intensa e visível, pois nos sítios os moradores são todos familiares que buscam manter as tradições já hierarquizadas nas famílias. Diante disso, os meninos seguem os pais em suas atividades agrícolas e as meninas seguem as mães nas atividades domésticas.

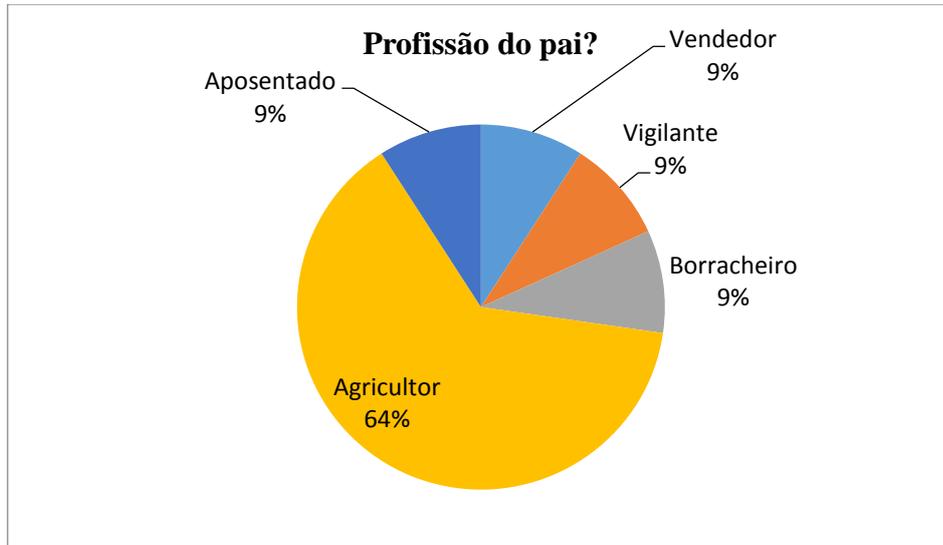
Se levarmos em consideração essa reflexão, podemos dizer que se as mães tivessem um grau de estudo mais elevado e uma aproximação real com obras ou textos literários, seus filhos teriam um contato maior com a leitura e assim poderiam se tornar leitores proficientes. Entretanto, o gráfico 1 nos mostra que essa prática é impossibilitada porque 55% dessas mães não possuem, se quer, o ensino fundamental completo, e 64% dos pais também não conseguiram finalizar os anos iniciais do ensino fundamental.

Esses números nos inquietaram e nos encorajaram a propor uma intervenção com obras literárias e atividades dinâmicas que aproximassem os alunos da leitura literária. A partir dessas aulas e do nosso acompanhamento diário, os alunos puderam superar seus desafios e desenvolveram o gosto pela leitura de textos literários. Ao percebemos que os meninos e meninas da Bandarra não tinham a leitura como uma atividade prioritária do cotidiano, realizamos momentos que os ajudaram a entender a importância da leitura em suas vidas.

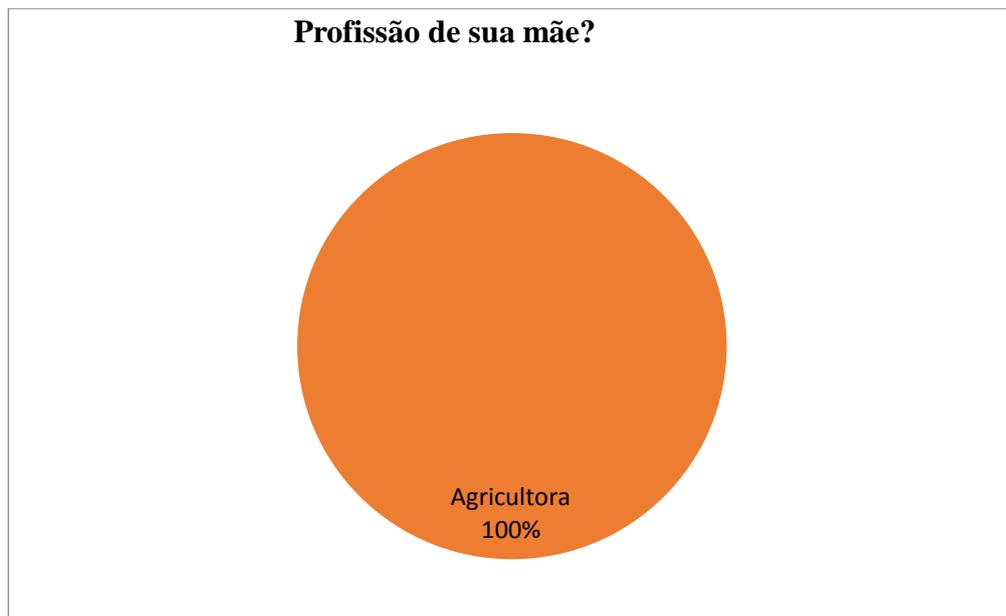
Desse modo, reconhecemos que quando os pais não podem acompanhar seus filhos na prática constante de leitura, o obstáculo precisa ser vencido pela escola e pelo professor. Este se torna um mediador confiável para os alunos. Ressaltamos que nosso objetivo não é culpar os pais, nem os criticar. Entendemos que eles não leem com seus filhos, entre outros motivos, porque não possuem escolaridade e conhecimentos estratégicos eficazes para a efetivação dessa atividade. Suas rotinas sempre foram preenchidas por trabalhos agrícolas e esses, na maioria das vezes, lhes tomam um tempo que poderia ser destinado aos filhos. Tópico que trataremos agora na análise dos gráficos 3 e 4<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Como os gráficos tratam das respectivas profissões dos pais e das mães dos alunos da Bandarra, resolvemos analisá-los conjuntamente.

**Gráfico 03**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

**Gráfico 04**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

Os gráficos 3 e 4 nos remetem a um cenário já conhecido em nosso país: a sobrevivência provinda da agricultura e do trabalho no campo. Trabalho esse que demanda tempo, planejamento, horas a exposição do sol. Os alunos, do terceiro ano, têm em casa exemplos de pessoas que precisam acordar cedo, plantar, cultivar, colher para sustentar sua família. Diante desse contexto, pouco tempo lhes sobram para estarem com seus filhos lendo e mediando a leitura entre eles.

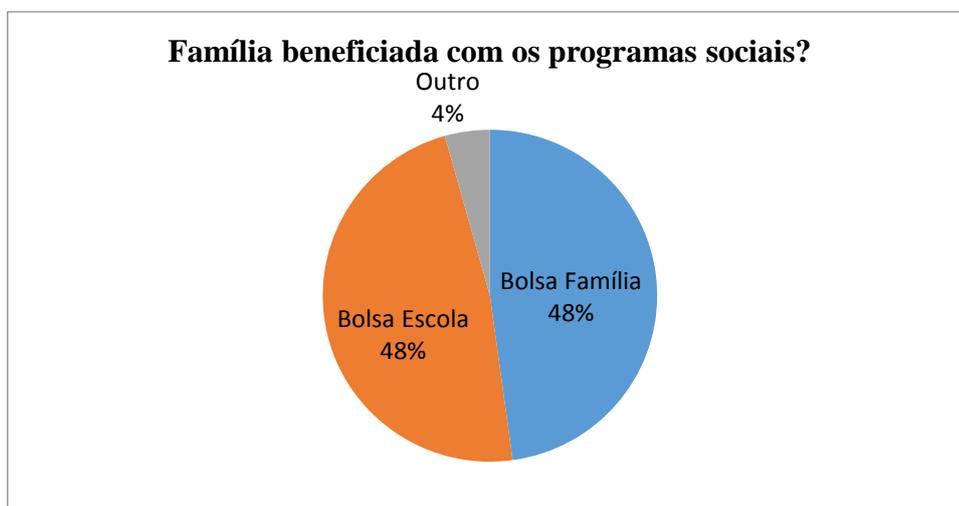
Esse quadro consolida-se com maior profundidade quando olhamos o percentual da profissão das mães no gráfico 4 e vemos que 100% trabalham na agricultura. Acreditamos que para os alunos, o fato de observarem suas mães somente efetuando as atividades domésticas e auxiliando os seus pais no plantio, os fizeram responder que elas são agricultoras, e de fato são. Essas mulheres acordam de madrugada, ajudam na plantação, na colheita, no cuidado com o campo e na preparação para a saída do marido para o trabalho. Ao fazer tudo isso, restam-lhes pouco tempo para apreciarem obras literárias com seus filhos ou tempo algum.

O gráfico não nos mostra uma mãe comerciante, professora, dentista, advogada, médica ou demais profissões que fazem parte da elite e permite aos pais acompanharem e possibilitarem aos seus filhos contato diário com os livros. As mães apresentadas no gráfico não têm salários fixos ou uma renda extra, elemento que as impossibilita de acompanhar diariamente seus filhos na leitura de textos literários ou obras literárias propriamente.

Na verdade, se lhes sobram algum tempo, esse é utilizado para ajudar os filhos nas atividades para casa, atividades essas que não se resumem a leitura de obras literárias. Ratificamos que a reflexão aqui suscitada não é uma regra geral, nem tão pouco estamos generalizando os fatos, pode sim haver em outros lugares, mães e pais que nas mesmas situações conseguem ler com seus filhos, mas esse não é o contexto por nós vivenciados e o gráfico 8, 9 e dez ratificarão essa constatação.

O próximo gráfico é o cinco, nele refletimos sobre o poder aquisitivo dos alunos em relação aos programas sociais que eles e seus familiares são beneficiados.

#### **Gráfico 5 –**



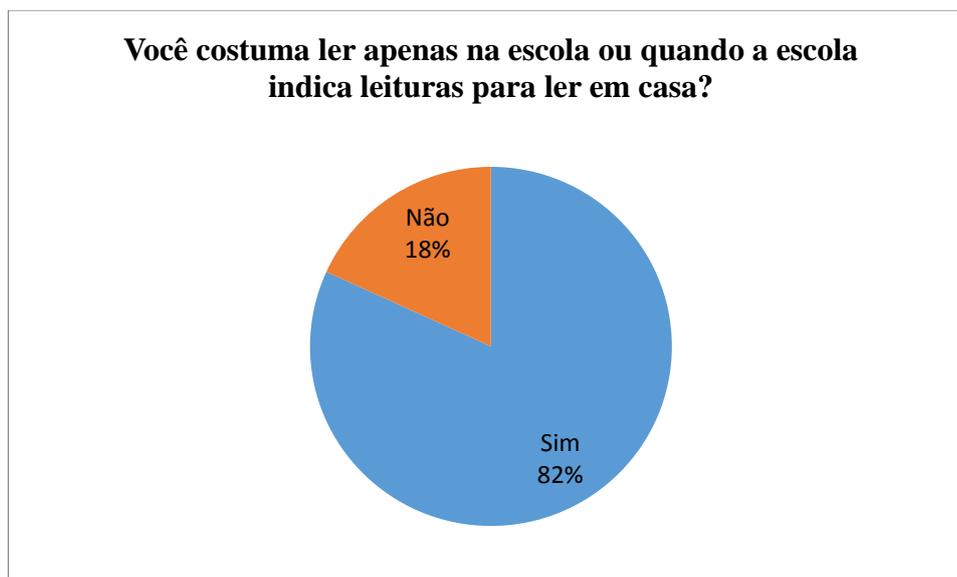
**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

O gráfico 5 retrata a realidade que já mostramos anteriormente: os moradores do distrito de Bandarra não possuem uma renda fixa ou um trabalho assalariado. Eles vivem da agricultura e têm como ajuda extra os benefícios ofertados pelo governo federal. Desse modo, além da falta de tempo citada na análise dos gráficos 3 e 4, temos agora outro desafio a ser enfrentado pelos alunos do terceiro ano da Bandarra: seus pais não têm recursos financeiros suficientes para a compra de livros, para os levarem ao cinema, ao teatro, ou seja, o único contato que os alunos têm com arte é por meio da escola.

Como vemos, a escola continua sendo a ponte para o encontro com a literatura e as demais artes na vida desses alunos. Motivo esse que nos fez levá-los ao piquenique literário, ao passeio pelas proximidades da escola e a teatralização no final do projeto. Nosso foco era justamente mostrar a turma que embora seus pais não tivessem como inseri-los no mundo da arte, nós estávamos fazendo isso mesmo com todas as nossas limitações.

O gráfico 5 nos apresenta uma brusca realidade: 48% dos alunos são beneficiados com a bolsa escola e 48% com o programa bolsa família. Esse cenário contribui para que seus pais não possam comprar livros, levá-los a conhecer uma livraria ou ambientes mais ativos de leitura. Como os recursos da família são limitados, a ajuda provinda dos programas sociais governamentais servirá para complementar a renda da família.

O cenário agrava-se ainda mais para esses pais quando a seca predomina, pois, o trabalho agrícola passa a render menos. Diante disso, o que resta a esses homens e mulheres do campo é priorizar a alimentação e a saúde dos filhos. Comprar livros, nesse caso, não faz parte das prioridades, não porque não querem, mas porque não podem. Nesse sentido, mais um obstáculo surge na formação do leitor literário e novamente somente a escola pode promover o acesso aos livros. Algo que também será ratificado nos gráficos 6,7,8,9 e 10 quando os indagamos sobre os aspectos de leitura propriamente. Vejamos:

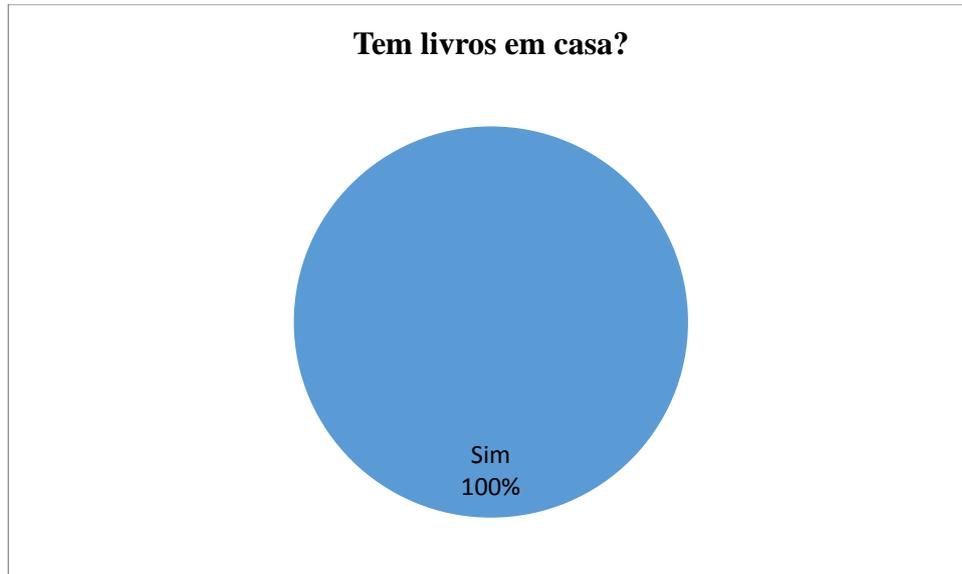
**Gráfico 06**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

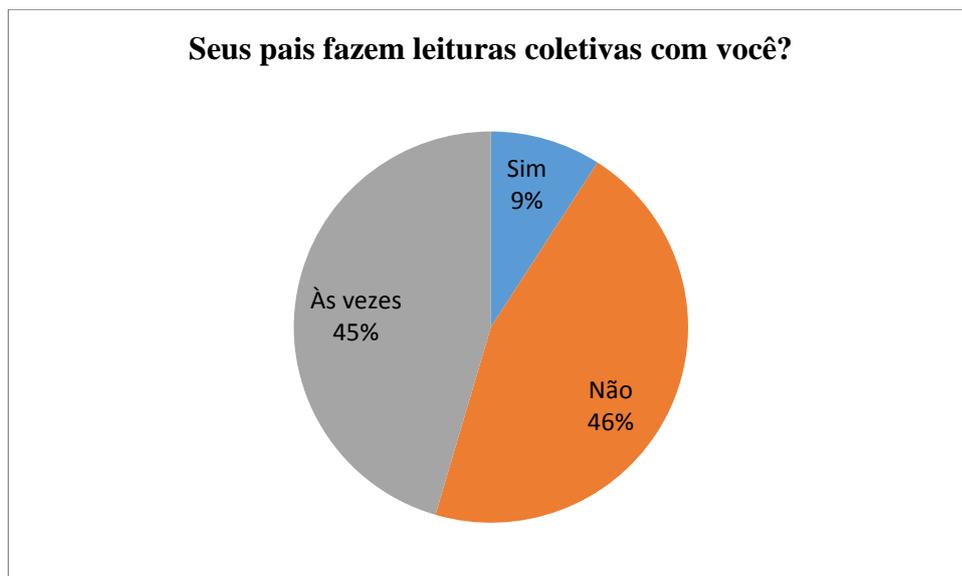
Com seus pais ou responsáveis sem tempo para o incentivo e deleite a leitura de textos literários, com os recursos financeiros limitados, resta aos alunos ler somente na escola, por isso que o gráfico 6 apresenta, quase que integralmente, uma porcentagem de crianças que só leem com a intervenção da escola. Sem livros em suas residências ou expectativas para a compra desses, os alunos precisam ter na escola oportunidades de conhecer e apreciar diversos textos literários.

Ao observar esse gráfico compreendemos porque Cosson (2016) alerta os docentes para irem além dos trechos de textos propostos pelo livro didático. Na verdade, os alunos precisam ter contato com obras na íntegra. Dessa forma, a literatura passará a se tornar um momento de diversão e descoberta para os alunos por trazer-lhes realidades não vivenciadas por eles cotidianamente.

O próximo gráfico também consolida essa necessidade de acompanhamento da leitura literária na escola, porque embora no gráfico 7, 100% dos alunos tenham dito que possuem livros em casa, no gráfico 8 a grande maioria afirmou que não efetuava leitura coletiva em casa ao lado dos pais ou responsáveis.

**Gráfico 07**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

**Gráfico 08**

**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

Ao observarmos os gráficos 7 e 8, logo percebemos que a realidade é a seguinte: os alunos têm livros em casa, mas esses livros são os clássicos ofertados pela escola (como Chapeuzinho vermelho, Branca de neve, Rapunzel...). Todavia sem o acompanhamento diário dos seus pais em relação a essa leitura, torna-se difícil a motivação para a leitura em casa. Isso nos ajuda a entender porque no gráfico 8, 46% dos alunos responderam que não efetuam leituras coletivas em casa e 45% as

vezes. O cenário é o mesmo: como seus pais são agricultores, passam a maior parte do tempo fora de casa e chegam exaustos da lavoura. O padecer do corpo, impossibilita os pais de estarem cotidianamente acompanhando seus filhos na leitura, , ou seja, a labuta diária impede esses pais de chegarem em seus lares e ainda terem tempo e disposição para ler com seus filhos.

Dessa forma, observamos mais uma vez importância de a leitura literária ser vivenciada na escola. E essa leitura precisa propiciar o desejo, o contato íntimo com os textos literários, visto que sua relevância é tão notória que não pode ser resumida ao empréstimo desses textos para estudar a gramática como frisou Lois (2010). Na verdade, a escola pode até utilizar o texto literário para outros fins na aula, mas não pode esquecer que o deleite, a humanização e o incentivo à leitura são superiores aos exercícios de verificações dos gramaticais.

O gráfico 9 relaciona-se com o gráfico 8, pois os alunos responderam quem os incentivam a ler. A resposta não nos surpreendeu, somente ratificou todas as constatações aqui levantadas. Vejamos:

**Gráfico 09**



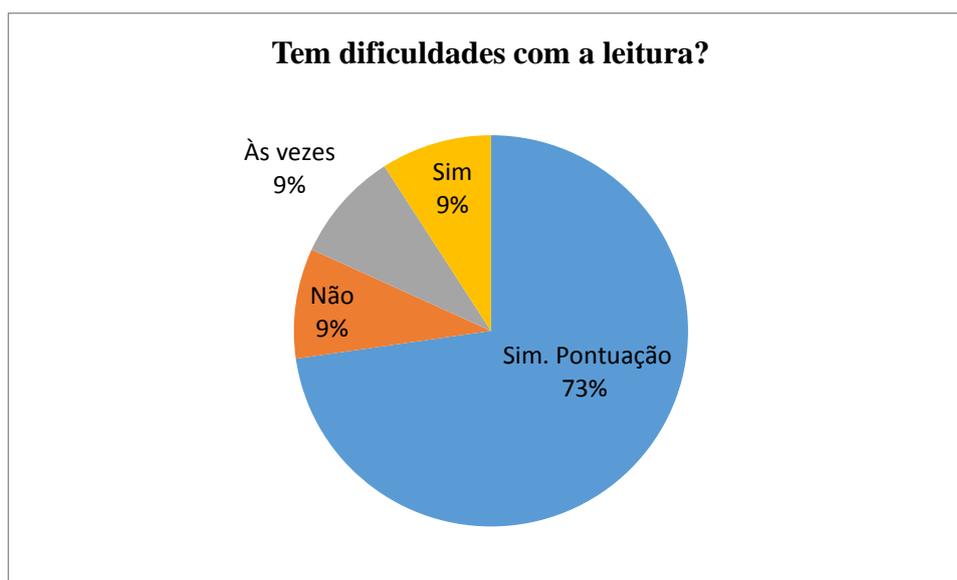
**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

Os números apresentados nesse gráfico ratificam tudo que já mencionamos sobre a importância da literatura na escola. Na verdade, esses 46% dos alunos comprovam a assertiva de Cosson (2016) sobre o incentivo que a escola precisa proporcionar diariamente na sala de aula.

O diferencial da professora como principal incentivadora da atividade de leitura, em relação aos alunos da Bandarra, é a abertura que ela propicia aos alunos para ler. Isto é, os alunos leem porque veem a docente lendo, algo que talvez não seja tão evidente com os pais, avós e tios. Eles até incentivam, possivelmente pedem que leiam, todavia, a criança se encanta com a coletividade, com o novo e com a constante participação do outro em sua realidade.

Quando esses fatores não acontecem, acontecem por obrigação ou sem espontaneidade, pode não gerar nos envolvidos a motivação e o interesse pela leitura de textos literários. Para finalizar, perguntamos aos alunos sobre suas dificuldades com a leitura e o resultado não foi surpresa diante de todos os argumentos por nós mencionados.

### Gráfico 10



**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

Os números expressos no gráfico 10 representam uma síntese de todos os argumentos já mencionados. Isto é, o ato de ler é complexo e, por isso, os alunos expressam suas fragilidades. Eles entendem que a atividade de leitura requer a mobilização de inúmeros fatores cognitivos e linguísticos. Compreendem também, que a pontuação é um elemento promissor no entendimento de um texto e dessa forma a grande maioria responde que sim, tem dificuldades de ler.

Mais uma vez vemos a escola como ponte, como meio facilitador para auxiliar esses alunos a superarem suas dificuldades na leitura dos diversos textos.

Dificuldades essas que, conforme Arena (2010), pode ser amenizada através da literatura, porque em suma, o ato de aprender a ler literatura, além de desafiante, auxilia nos demais mecanismos necessários aos diversos textos que circulam na sociedade.

Diante de todos os gráficos aqui apresentados e suas análises, podemos entender que os alunos do terceiro ano da Bandarra precisavam de aulas de leitura e literatura diferenciadas. Aulas que os instigassem, os motivassem e os ajudassem a ler por prazer, compreendendo que são capazes de vivenciar e modificar suas realidades. Ratificamos ainda que a aplicação do questionário nos possibilitou conhecer melhor esses alunos.

#### 4.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Os dados coletados serviram de base para comparações teóricas e analíticas à luz dos estudiosos que versam sobre os conhecimentos a respeito do letramento literário, da leitura literária na sala de aula, bem como a formação do leitor, que nos reportamos nos capítulos anteriores.

Neste item apresentaremos a análise realizada com os dados coletados da aplicação da SB em nossa pesquisa. Inicialmente, mostramos as atividades desenvolvidas pelos alunos, os seus avanços em relação a leitura e o desenvolvimento da oralidade através da nossa intervenção. Posteriormente, apresentaremos a análise das produções interpretativas feita pelos educandos

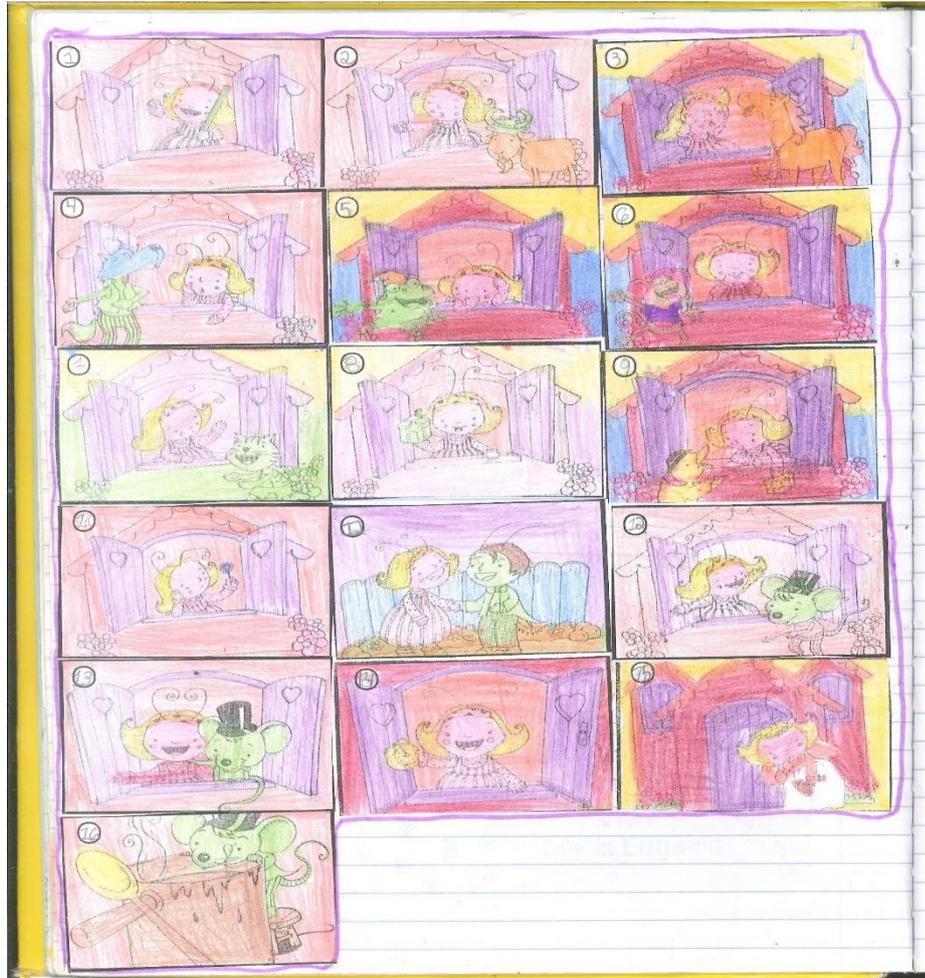


**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

A interpretação de uma obra literária é um momento propício para os professores identificarem o nível de letramentos dos seus alunos. Ao partimos dessa concepção, promovemos, como já relatado no capítulo metodológico, atividades para que os alunos externassem o que haviam compreendido sobre a obra. A A1 é o resultado da interpretação externa da obra *Dona Baratinha*. Quem a produziu foi P.1 e ao analisarmos a imagem identificamos que ele conseguiu ordenar os fatos tal qual como a história foi narrativa. Para Cosson (2016), quando um leitor consegue relacionar a obra lida ao seu contexto e a sua rede de conhecimentos, podemos dizer que ele está desenvolvendo sua formação crítica.

Ao realizar essa atividade de forma coerente, P.1 estabelece uma relação cognitiva entre o que leu e o que pode reproduzir, isto é, a obra de *Dona Baratinha* chamou atenção desse aluno de tal forma que ele conseguiu memorizar a sequência correta da narrativa, mostrando empenho e participação na atividade solicitada. Ressaltamos que quando entregamos as imagens desordenadas, não retomamos a narrativa nem pedimos aos alunos que colorissem os desenhos. A atitude de P.1 foi espontânea e nos mostra sua motivação nas aulas. De acordo com Cosson (2016), as aulas de literatura na escola precisam extrapolar o trivial, precisam também auxiliar nos processos de leitura e escrita dos alunos e na sua formação social.

Ao organizar as imagens contendo introdução, desenvolvimento e conclusão, P.1 nos mostra que aprendeu sobre os elementos da narrativa e entendeu que nessa obra literária existe uma ordem cronológica para a realização dos fatos. Nesta obra em destaque, os personagens que eram os pretendentes da protagonista (*Baratinha*) precisavam ser inseridos na ordem da obra e P.1 conseguiu enumerar e colar todos os pretendentes coerentemente. Esse aluno entendeu que cada personagem tinha seu papel na narrativa e, mesmo não havendo palavras, a ordem das imagens precisava seguir a versão escrita da obra.



**Fonte:** Dados da pesquisa (2017)

Nessa atividade percebemos que P2 também conseguiu sequenciar adequadamente sua narrativa. Porém existe um diferencial na atividade de P.2, a qual nos fez escolhê-la como objeto de análise: O aluno não somente ordenou, mas coloriu detalhadamente cada imagem segundo sua visão sobre os personagens. P.1 deu vida ao seu texto porque soube relacionar sua criatividade a sua interpretação externa.

Para Cosson (2016), os docentes precisam possibilitar aos alunos forma de apresentarem seus posicionamentos sobre a obra trabalhada ou lida. Esse acompanhamento e condução próximo ao aluno o instiga a executar as atividades além do esperado. Colorir não foi um pedido nosso, mas P.2, assim como P.1, consideraram a pintura um fator relevante na hora da apresentação aos colegas.

Outro ponto que ficou visível na atividade de P.2 foi que a leitura dinamizada da obra, a exposição dos slides, o avental mágico e os demais fatores colaboraram para os alunos aprenderem a narrativa e assim conseguiram recontá-la tanto nas

imagens, como na apresentação aos colegas. De acordo com Cosson (2016), a interpretação interna e externa auxilia no desenvolvimento emocional, intelectual e social dos indivíduos porque por meio da interpretação do texto literário o leitor se sente confortável para expor sentimentos, emoções e saberes que antes encontravam-se interiorizados consigo mesmo.

A segunda proposta que analisamos corresponde a interpretação da obra “Dona Baratinha”, porém dessa vez a A.2 apresenta a opinião do aluno sobre a obra. Essa interpretação faz parte da quarta etapa da SB e auxilia o docente a identificar os posicionamentos dos alunos em relação a obra apreciada. De acordo com Cosson (2016), todas as etapas da SB são relevantes, mas a interpretação é o momento que o aluno vai revelar, por si mesmo, qual o impacto da obra literária em sua vida. Esse foi justamente nosso foco: perceber as percepções dos alunos sobre a obra.

Nessa perspectiva, produzimos uma folha padronizada e pedimos que eles inserissem o seguinte título: **Minha opinião sobre o livro “Dona Baratinha” de Ana Maria Machado**. A partir desse título eles poderiam escrever sobre suas impressões sobre a obra. Cosson (2016) ratifica que, após o deleite com a leitura de uma obra literária, o professor precisa permitir que os alunos opinem sobre os textos lidos.

Desse modo, a A.2 é de caráter individual e social, visto que parte das reflexões dos alunos em relação ao mundo que o cerca. Vejamos a produção de P.1 e seus respectivos pensamentos sobre a narrativa:

### **Minha opinião sobre o livro Dona Baratinha de Ana Maria Machado**

1Minha opinião sobre o livro foi uma história foi muito boa porque  
 2.aprendi muito sobre o que Ana Maria Machado fez. Também 3.essa  
 história falava sobre Dona Baratinha que tinha fita no 4.cabelo e  
 dinheiro na caxinha. A história começou assim.  
 5.Um dia Dona Baratinha estava varrendo o chão e também foi  
 6.varrendo o sótão e encontrou três moeda de ouro. E ela 7.pensava  
 que estava rica e que já podia ci casar. Também ela 8.foi compra  
 roupas nova laços se arrumou . toda e  
 9 foi para a janela e disse quem quer casar com Dona Baratinhha  
 10.que tem fita no cabelo e dinheiro na caxinha e lá vem o cavalo 11.e  
 Dona Baratinha perguntou quer casar com Dona Baratinha 12.que.tem  
 fita no cabelo e dinheiro na caxinha.  
 13.O cavalo disse eu quero e Dona Baratinha perguntou 14.como.você  
 faz de noite. É o cavalo respondeu im rim rim 15.Dona.Baratinha disse  
 sai fora isso faz muito barulho e o  
 16.cavalo foi embora.

Argumentar, opinar sobre algo requer segurança e maturidade. É preciso encontrar as palavras adequadas para convencer o outro da veracidade dos nossos argumentos. Por isso, ressaltamos que ao solicitarmos um texto com a opinião dos alunos sobre a obra trabalhada, não estávamos propondo que alunos dos terceiros ano do ensino fundamental escrevessem como críticos literários. Nosso foco com essa atividade foi identificar, por meio dela, se nossa intervenção tinha contribuído na formação crítica dos alunos. De acordo com Cosson (2016), a literatura pode ajudar no desenvolvimento emocional, intelectual e pessoal do aluno.

Quando efetuamos a leitura da A.2 do Protagonista 1 percebemos que ele soube expor de fato suas impressões sobre a obra. Já na linha 1 P.1 afirma que a história é boa e que gostou do que Ana Maria machado fez. Na verdade, P.1 se coloca como um leitor atuante e participativo que compreendeu que quando um autor produz uma obra ele coloca suas intenções, ou seja, para ele Ana Maria Machado escreveu uma boa narrativa e sua história o encantou de tal forma que ele ratifica dizendo que ela é boa.

Esse aluno, além de ter conseguido introduzir seu texto coerentemente, consegue deixar uma marca positiva sobre seu contato com a obra literária. A partir da linha 2, P.1 passa a retomar o enredo da narrativa e podemos dizer que ele faz isso numa tentativa de mostrar ao leitor porque a obra é interessante. Ao narrar novamente os fatos da narrativa ao seu modo, P.1 consegue ratificar que a história da Dona Baratinha ficou em sua memória e mais pessoas podem conhecê-la através da sua opinião. De acordo com Antunes (2009), a leitura de um texto e sua interação com ele permite ao leitor criar novas ideias e despertar para conhecimentos antes adormecidos.

Na verdade, quando P.1 narra de forma detalhada novamente a narrativa de Dona Baratinha, utiliza-a como argumento para convencer seu leitor. Precisamos entender que as crianças que conosco participaram da intervenção não tinham o hábito de ler livros literários, são filhos de pais semianalfabetos e diante desse cenário conseguir escrever um texto opinando sobre uma obra literária é um avanço inquestionável. Reconhecemos que ainda predominam em sua escrita: equívocos de pontuação, uma linguagem coloquial e palavras escritas fora da norma gramatical, mas esses fatores não diminuem a coerência e a coesão do seu texto. Como

percebemos, P.1 soube expor sua opinião, organizou os parágrafos coerentemente e colocou em prática a relação leitor e texto.

O texto elaborado por P.1 consolida o que destaca Cosson (2016) sobre a leitura literária. Para o autor, ela tem a função de nos ajudar a entender melhor os demais textos e a ler melhor nosso cotidiano. Vejamos outra A.2 elaborada por outro aluno que o chamaremos de P.2.

### **Minha opinião sobre o livro “Dona Baratinha” de Ana Maria Machado**

1.O livro da Dona Baratinha e muito educativo, nos encina a 2.estória comesa assim.  
 3.Ela estava varrendo a casa e encontrou uma moeda, comprou 4.um laso e o resto guardou...foi procurar o seu noivo ela estava 5.a espera da pessoa certa, ela sempre estava dizendo assim  
 6.Quer casar com Dona Baratinha que tem laso no cabelo e 7.dinheiro na caixinha?  
 8.O Bode apareceu e a Dona Baratinha disse.  
 9.Como é que você faiz a noite o bode disse.  
 10.Be, be, be  
 11.Então vinheram outros animais ela não ficou feliz, então no 12.ultimo ela ficou contente.  
 13.No dia seginte depois dos varios peparativos, eles quase se 14.casaram mas o João Ratinho caiu na panena de feijoada 15.infelizmente eles não se casaram então ela tirou a roupa 16.casamento ela saiu no carro dela e foi passear na prasa.

Ao analisarmos a produção de P2, percebemos que ele atribui ao livro a característica de educar. Essa atribuição pode ter ocorrido por dois fatores: primeiro porque do ponto de vista de P.1 a leitura na escola serve para ensinar as crianças a se comportarem melhor; em segundo, porque na sua interpretação individual, ele compreendeu que ninguém é perfeito e, por isso, a dona Baratinha não encontrava a pessoa ideal. Mesmo sendo criança, a leitura dessa obra pode ter modificado os pensamentos de P.1 sobre a vida e sobre as pessoas.

A palavra educativa não pode ser ignorada porque ela representa um posicionamento convincente desse leitor. P.1 não somente viu a leitura como uma atividade dinâmica, mas compreendeu que a literatura também tem uma função de ensinar e/ou humanizar os sujeitos. Esse posicionamento de P.1 corresponde as

reflexões de Cosson (2016) quando ele afirma que é preciso estar aberto a multiplicidade do mundo e a capacidade de tornar as aulas de literatura significativas.

Quando lemos a introdução da resposta de P.1, percebemos um pensamento que já corresponde a um leitor crítico, pois além de observar o elemento educativo da obra, ele diz que a obra “ encina”, ou seja, a literatura pode ensinar lições aos alunos e essas auxiliam no seu cotidiano.

No decorrer do texto, P2 reconta com suas palavras a história de “Dona Baratinha”. Ele consegue narrar a obra modificando algumas palavras e ao recontá-la do seu modo nos ajuda a perceber suas inferências e visão de mundo. Na linha 4, P.2 narra o seguinte trecho: “comprou um laço e o resto guardou” Na obra “Dona Baratinha” a protagonista põe o dinheiro na caixinha para arrumar o noivo, mas na visão de P2 dinheiro não compra o noivo e por isso ele apenas cita que ela guardou o dinheiro.

Nessa mesma perspectiva, P.2 traz outro posicionamento sobre a protagonista. Ao dizer que “ela estava à espera da pessoa certa”, o aluno deixa de lado os bichos da narrativa e compreende que a mesma situação acontece ou pode acontecer diariamente entre os humanos. P.2 não transforma os bichos em pessoas, mas compreende que esses conflitos acontecem entre pessoas e não entre animais. De acordo com Cosson (2016), se quisermos formar leitores críticos, precisamos antes de tudo orientá-los a dar sentido a um texto, pois o simples ato de ler não pode se restringir a prática da decodificação das palavras.

Ao chegarmos ao final do texto de P2, notamos um elemento diferencial que é a palavra “ prasa”. Ora, a narrativa não falava nesse ambiente, contudo P.2, mais uma vez, adequa a narrativa ao seu contexto, permite a transição entre o real e o imaginário e coloca a personagem em um carro na praça. Desse modo, P2 ressignificou o texto literário e pode ter projetado sua comunidade na narrativa, haja vista que esse é o único lugar de passeio da comunidade, como já detalhamos na intervenção.

Segundo Cosson (2016), a literatura pode ajudar-nos a dar um novo sentido à vida e ao mundo, pois quando acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não fará para mim sentido. Portanto, fica evidente que P2 conseguiu interpretar e se posicionar sobre a obra trabalhada e seus, deixando expresso que houve um efetivo letramento literário formado com ajuda da nossa intervenção.

### **Minha opinião sobre o livro “Dona Baratinha” de Ana Maria Machado**

1.Eu gostei do livro Dona Baratinha. Por que ele fala sobre uma  
 2.barata que estava varendo a casa e achou três moedas.  
 3.Ela disse que estava rica e ia se casar. Foi logo se arrumar 4.para ir  
 a janela para arrumar um noivo.  
 5.Ela começou a cantar e apareceram muitos bichos. Ela não 6.quis  
 casar com ninguém.  
 7.Ia logo desistindo quando chegou um rato. E como ele faz 8.pouco  
 barulho ela quis casar com ele.  
 9.Já estava tudo preparado quando João Ratão centiu o cheiro 10.da  
 feijoada ele foi até a cozinha.  
 11.Foi até a panela mas caiu na feijoada. O cozinheiro tirou ele 12.da  
 panela.  
 13.Dona Baratinha não quis mais casar com niguém e ficou feliz  
 14.para cempre.

O texto construído por P.3 contém características diferentes dos anteriores. Enquanto P.1 centraliza sua opinião na autora, P.2 na questão educativa, P.3 se posiciona em relação ao texto dizendo que gostou dele porque sua história é interessante. Embora ele não diga com essas palavras, deixa isso claro no seguinte trecho: “Eu gostei do livro Dona Baratinha. Por que ele fala sobre uma barata que estava varendo a casa e achou três moedas”. Na verdade, esse aluno procurou um meio de nos mostrar que em sua opinião a obra foi bem construída e chamou sua atenção.

Ora, uma barata é um ser desprezível no mundo humano, mas na narrativa de Ana Maria Machado ela tem um papel superior aos bichos e como protagonista pode escolher quem merece com ela casar. Esses fatores impactaram P.3 de tal forma que ele considerou a própria narrativa como fator relevante para expor seu ponto de vista. Para Candido (2012), o estudo da obra literária é capaz de despertar no leitor sensações, sentimentos ou até mesmo revoltar, se rebelar, dependendo da relação que este estabeleça com o texto. Desse modo, P.3 ver na narração da obra uma maneira de nos convencer do porquê ele gostou dela. Além disso, o modo como ele narra é diferente dos demais colegas, uma vez que ele consegue recontar a história de forma resumida, mas sem omitir informações importantes para o entendimento do leitor.

Notamos que ao invés de citar todos os bichos como na obra, P.3 resume os pretendentes da seguinte forma: “Ela começou a cantar e apareceram muitos bichos”. Essa construção denota que esse aluno aprendeu que um texto pode ser narrado de diversas formas e que a sua essência não pode ser alterada. Ele consegue dizer ao leitor que a dona Baratinha teve muitos pretendentes, mas não é preciso citá-los porque a narrativa tem outros trechos que a tornam mais atrativa.

Na linha posterior, P3 diz que Dona Baratinha não quis casar com “ninguém”. Ao fazer essa relação entre os bichos e o pronome indefinido ninguém, o qual se refere a pessoas, ele, assim como P.2, compreende que embora a narrativa seja uma ficção, poderia ser real no mundo dos humanos, visto que entre as pessoas os conflitos afetivos acontecem diariamente. Essa inferência faz parte da visão de mundo de P.3, ou seja, a literatura extrapola o mundo imaginário e ganha espaço na vida real. De acordo com Caldin (2013), a literatura tem, entre outras, a função de facilitar ao homem compreender o mundo que o cerca, buscando uma emancipação em relação aos dogmas que a sociedade lhes impõe.

Nas linhas finais do texto temos a continuação da narrativa na qual P.3 finaliza com a seguinte sentença: “Dona Baratinha não quis mais casar com “ninguém” e ficou feliz para sempre.” Esse feliz para sempre foi inovador, visto que a obra de Ana Maria Machado não se finaliza assim. Esse final surge porque esse aluno conseguiu relacionar a narrativa aos textos que ele já leu e as experiências de leitura que já vivenciou. Segundo Cosson (2016), a literatura nos ajuda no processo de identificação com o mundo e conosco. Portanto, Mais uma vez observamos que o letramento literário proporcionou a esse aluno, criticidade, autonomia e superação de suas dificuldades.

#### 4.3 DO LIVRO PARA A REALIDADE DO MEU MUNDINHO

A terceira proposta analisada é referente a obra “Menina bonita do laço de fita” e, como mencionado anteriormente, focamos o olhar interpretativo para discussão na oralidade. Dentro desse debate oral lançamos um desafio aos alunos: uma pergunta problema sobre a obra e eles deveriam responder segundo o que acreditavam que seria melhor para o coelho em relação a sua cor.

A atividade (A.3) corresponde a etapa da interpretação conforme Cosson (2016). Nisto, à medida que a leitura era feita, efetuamos a pausa nas respostas da

menina ao coelho e fizemos a seguinte pergunta aos alunos: E se você fosse a Menina bonita do laço de fita, o que diria ao coelho quando ele perguntasse o que fazer para ter sua cor? As respostas foram bem diversificadas, nisto fizemos o recorte de quatro delas e transcrevemos em um quadro para analisarmos conforme o que aprendemos sobre literatura, leitura literária e literatura e sociedade.

O critério de seleção por nós utilizados foram: respostas criativas, respostas significativas, respostas subjetivas e, por fim, respostas que relacionaram a obra à vida e ao mundo.

Vejam os quadros demonstrativos das respectivas respostas selecionadas para análise:

P.1 “Eu dizia assim: coelho você tem que morar na Bandarra e tomar banho de açude.”
P.2 “Eu ia dizer assim: coelho você não pode ser da minha cor porque tem que ser da cor da sua mãe e do seu pai.”
P.3 “Eu dizia assim: você não precisa ser da minha cor, você é bonito assim.”
P.4 “Eu diria para o coelho que cada um já nasce com sua cor e que não se pode mudar de cor e também o que importa é o que temos no coração.”

Ao responder ao coelho citando sua localidade, P1 demonstra gostar do lugar onde mora, entendendo também que a localização se relaciona com a sua cor. Essa associação nos permite fazer uma possível reflexão acerca de P.1: ele estaria afirmando que os moradores da Bandarra são de cor escura porque o sol sertanejo é muito forte, logo, bastaria o coelho morar na Bandarra e tomar banho de açude para sua cor ser mudada. A relação entre vida e literatura é pertinente para Cosson (2016), pois ele compreende que a partir do mundo literário os sujeitos demonstram pertencimento a uma localidade. Sem dúvida os mundos de P.1 e da obra de Ana Maria Machado se entrelaçam, deixando evidente seu afeto pela Bandarra. Isso nos ajuda a identificar como a leitura literária transcendeu o mundo da fantasia, chegando ao mundo real de cada aluno.

Na concepção de P2 a genética nos diferencia, desse modo só há uma possibilidade de o coelho ter outra cor que seria se sua mãe fosse outra. Na verdade P.2 analisa a vida a partir do seu mundo e de suas vivências. Sabemos que cada criança tem uma percepção da vida de acordo com sua comunidade, sua família e suas

experiências de vida. Nisso, como diz Silveira (2005), o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descortínio de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade.

P3 nos surpreende com uma aceitação peculiar de quem realmente sabe respeitar as diferenças. A leitura literária para esse aluno, foi além simplesmente da apreciação, ela o ajudou a aceitar o conceito de diversidade, embora não saiba definir teoricamente.

A beleza para P.3 está na aceitação do que somos e não de como o outro nos vê. Para ele a cor não pode ser um critério negativo para o outros, mas algo positivo a medida que as diferenças são respeitadas. A fase da interpretação segundo Cosson (2016) ajuda os alunos a relacionarem as obras a suas vivências, e isso foi exatamente o que P.3 colocou em prática em sua resposta a familiaridade com o texto, haja vista que P3 sentiu-se tão intimamente ligado com a obra que se sente apto a expor suas opiniões para o outro de forma interpretativa e indo além do texto lido.

Na visão de P4 não existe a possibilidade de trocar de cor e ela não é necessária quando nos amamos como somos. Na verdade, ele acrescenta que os bons sentimentos precisam superar as diferenças. Para P.4 o coração representa nossa alma e dentro dele somos todos iguais. Mais uma vez temos uma leitura literária que ultrapassa os aspectos fantásticos da narrativa, chegando a tocar profundamente os sentimentos de aluno. Isso ratifica nossas reflexões sobre um ensino de literatura significativo, dinâmico e prazeroso, no qual esse aluno, precisamente, consegue relacionar o texto a sua vida e aos seus ideais de mundo.

Como vemos, as respostas aqui analisadas não se resumem a repetição dos conhecimentos explícitos ao texto. Elas extrapolam os aspectos gramaticais, frasais da narrativa e nos convida a pensar sobre a vida e os conceitos que nós temos do mundo e do outro. O que nos possibilitou ver tamanho envolvimento dos alunos, foram, justamente, as rodas de conversas, a leitura fatiada, os debates sobre o texto. Como afirma Cosson (2016) que é por meio da literatura que aprendemos o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso só acontece porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

#### 4.3.1 Da leitura em sala de aula para “todos” do meu pequeno cantinho

A A.4 buscou observar como os alunos se saíam ao receber o texto literário que estava sendo trabalhado, mas estrategicamente o texto estava fatiado, assim gostaríamos de observar como os alunos reagiriam ao passo a passo de montar o texto, quais impressões seriam descritas durante a próxima etapa do texto. Essa análise será feita através de imagens.



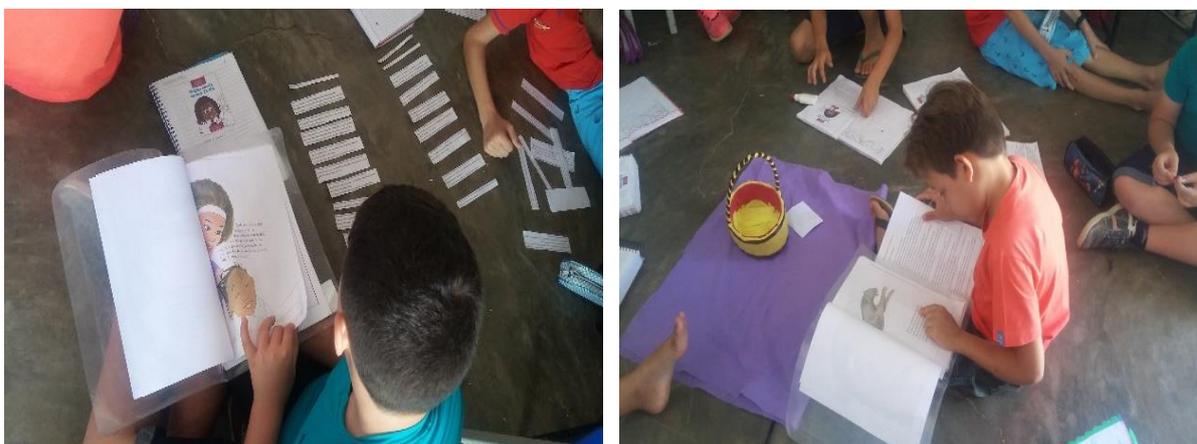
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Durante o desenvolvimento da atividade, os alunos liam o texto fragmentado para organizar na sequência, com isso eles iam exprimindo suas opiniões, sensações e apontando a coerência na sequência. Como aponta Cosson (2007) na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Os alunos demonstravam emoção e encantamento ao realizar a proposta, liam várias vezes e colocavam no texto literário a entonação de acordo com a sonoridade da leitura. Esse momento foi uma experiência produtiva, todos os alunos mostraram-se envolvidos e curiosos para montar o texto literário e principalmente demonstravam estarem gostando e o texto era lido e enfatizado. Ler é uma atividade que envolve interação entre o leitor e o texto (KOCH; ELIAS, 2012, p. 12).

A leitura literária é uma prática que proporciona o envolvimento do leitor com o texto. Há, então, uma interação que acontece para satisfazer algo, ou seja, quem lê quer saber mais, conhecer mais, debater mais, entre outras experiências que a leitura pode

proporcionar. Para Antunes (2009) pela leitura, temos acesso à novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Em seguida com o livro em mãos os alunos realizaram a leitura comparativa para verem até que ponto conseguiram sequenciar o texto dado. Essa proposta foi uma ação voltada para o objetivo final da estratégia, que era a leitura do texto por partes como seria posteriormente realizada na interpretação por meio do teatro. Os alunos liam a obra e euforicamente diziam terem conseguido montar a sequência coerente, Dos onze alunos participantes, só dois não conseguiram. Para Zinani (2007) Dessa maneira, acredita-se que, na medida em que o leque de interesses for aberto e que o aluno perceber a profunda relação da leitura do texto literário tanto com seu mundo interior quanto com o mundo que o cerca, a atuação sobre a zona de desenvolvimento proximal será produtiva, e o resultado será a formação de um leitor crítico, que constrói o sentido da leitura e desenvolve o prazer estético.

Como último momento da A.4 realizamos uma leitura oral compartilhada, a qual foi registrada em vídeo para posterior análise. Não foi apenas uma leitura que decodificava o signo linguístico, havia na leitura prazer, gestos, alegria. Os alunos colocavam suas impressões no texto lido. Para Cosson (2016) a literatura nos diz o quem somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Por fim, a A.5 referente a interpretação ultrapassou as paredes da sala de aula e foi direcionada a toda comunidade escolar. A obra “Menina bonita do laço de fita” foi teatralizada pelos alunos para toda a escola e pais de alunos. Para Cosson (2016, p. 29), se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. [...]. Dessa forma, o teatro proporcionou uma experiência ainda maior com o texto literário.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A arte literária, através do teatro, tende a ser uma importante ferramenta na formação de leitores, espectadores como possibilidade de vivenciar de forma aprazível, lúdica ou até mesmo de forma crítica, analítica a realidade na qual estão inseridos. Logo, a teatralização da obra possibilitou aos alunos o desenvolvimento em público como também o público teve a oportunidade de, dinamicamente, conhecer a obra de Ana Maria Machado.

De acordo com os PCN's (1997), é no dinamismo da experimentação, da influência criativa propiciada pela liberdade e segurança, que a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. Concluímos em consonância com as palavras de Candido (1995): a literatura é um direito, um bem comum que deve ser utilizado na libertação, na transformação da realidade de cada leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CAMINHO TRILHADO

Esse trabalho nos possibilitou perceber que embora a literatura seja um bem de todos, sua apropriação parte de inúmeros fatores, principalmente o poder aquisitivo ainda. Todavia, com a execução dessa pesquisa, conseguimos levar a leitura literária para um público infantil localizado em distrito de São do Rio do Peixe chamado Bandarra. Neste lugar um longínquo e cheio de singularidades a literatura emocionou, impactou, ensinou, entreteu e contribuiu para o processo de formação cultural e intelectual dos alunos.

O contato com a leitura literária oportunizou aos a esses estudantes vivenciarem a teatralização, o passeio pelo campo, o piquenique literário e tudo isso os ajudou na compreensão da relação que existe entre a literatura e a vida. Logo, podemos dizer que nossas aulas foram desafiadoras, instigantes e ficarão marcadas na trajetória de vida de cada aluno envolvido. Alunos esses que vivem em situações precárias; com um tempo limitado dos pais e poucos recursos financeiros. Fatores apresentados nos gráficos e que têm relação direta com o processo de ensino e aprendizagem.

Todavia, os problemas citados não nos impediram de construir metodologias dinâmicas que proporcionaram aos alunos um contato maior com a literatura da autora Ana Maria Machado e esse encontro não foi desagradável ou fastidioso. Dessa forma, através dos dados aqui apresentados percebemos uma maior motivação e entusiasmo nas aulas de leitura. Isto nos ajuda a ratificar que o ensino de literatura precisa continuar proporcionando aos alunos novas experiências. Para tanto, é necessário que a leitura literária tenha atribuições de sentidos para a vida do sujeito, por meio de textos com os quais ele possa se identificar.

As referências deste estudo foram fundamentais para que conseguíssemos entender e apresentar como a leitura literária é uma ferramenta promissora na formação dos indivíduos. Os estudos aqui mencionados permitiram-nos auxiliar os alunos à desenvolverem: o prazer pela leitura, a criticidade, uma melhor imagem de si mesmo e uma maior proficiência na leitura de textos literários. Isso foi possível porque em nossa intervenção os alunos se tornassem protagonistas no processo de aprendizado.

Acerca da nossa pergunta de pesquisa “: É possível motivar o gosto pela leitura literária e formar leitores literário logo no terceiro ano do ensino fundamental?

Respondemos que sim. Desde que o docente crie estratégias de aproximação do texto literário que motivem os alunos a lerem, exporem suas opiniões e sejam participantes do processo de construção da aprendizagem. E mais precisamente que as crianças possam se sentir inseridos no universo literário.

Durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa, acreditamos no potencial dos nossos alunos e conduzimos atividades de leitura dinâmicas, interativas para que eles compreendessem a importância da leitura literária na construção dos demais conhecimentos. Nessa mesma perspectiva, os ajudamos a desenvolverem sua autonomia e isso foi feito porque trabalhamos suas potencialidades sem enfatizar suas fragilidades. Nesse sentido, o trabalho com as obras literárias ajudou os participantes, da pesquisa, a desenvolver, não somente o gosto pela leitura, mas também seu desenvolvimento como indivíduo.

Dessa forma, a nossa pesquisa contribuiu para a formação de novos saberes e olhares sobre a literatura e o lugar onde moram. Os alunos perceberam que o ambiente escolar é um lugar atrativo. Portanto, no que concerne aos objetivos propostos nesta pesquisa, acreditamos ter demonstrado como a Sequência Básica de Cosson (2014) é um caminho promissor para promover encantamento, criticidade e demais fatores já citados que aproximam os alunos do texto literário.

Consideramos que as obras “Dona Baratinha” e “Menina bonita do laço de fita” permitiram aos alunos: o despertar da imaginação, o gosto pela leitura, o prazer de rir, à reflexão enfim, é nítido que esta pesquisa proporcionou o enfrentamento do desafio com a formação de leitores literários, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Destarte, ratificamos que o trabalho com a literatura precisa continuar, pois isso dará a muitos outros alunos novas possibilidades de transformação pessoal e social. Ainda nessa perspectiva consideramos necessário orientar os docentes a colocarem em práticas a proposta de Cosson (2017) em outras turmas, em outras obras para alcançarmos um número significativo de novos leitores literários.

Muitos são os programas de pós-graduação que trabalham a arte literária, desse modo, oferecemos a esses mais uma pesquisa na área capaz de ser um norte para futuros trabalhos. Esses trabalhos poderão, por outro viés de pesquisa, ratificar o quanto a leitura literária proporciona a formação de leitor, tanto de forma social quanto intelectual, despertando no aluno uma leitura imaginária condizente com a realidade a qual está inserido.

Desse modo, é refletindo sobre esse contexto de possibilidades do estudo com a leitura literária, que encontramos a resposta da necessidade de trabalhar com a literatura na sala de aula, pois a escola necessita assumir o compromisso de despertar, desenvolver no aluno (leitor) a habilidade para sentir a literatura, e cabe ao professor a função de provocador deste estado de sensibilização, de iluminador de caminhos para a leitura literária. Portanto, é evidente que a literatura possibilita ao sujeito fantasiar, sonhar, trocar experiências, contrapor, dialogar, entre outras experiências.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, A. R. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Diários de leituras**: a construção de diferentes diálogos na sala de aula. Linha D'água 'Brasil. N.18 (p. 61-80). 2005 ISSN 2236-4242.

MACHADO, A. M. **Bom de ouvido**. In Veríssimo, L.F. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Quem perde ganha**. 5 ed. São Paulo: Global, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: objetiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Amigos secretos**. São Paulo: Abril, 2009.

\_\_\_\_\_. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Muito além da gramática: **Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: parábola, 2007.

BARBOSA, B. T. **Letramento literário**: sobre a formação escolar do leitor jovem. Revista Educação em Foco, v. 16, n. 1, p. 145-167, mar./ago. 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Editora Porto, 1994. V.12 (Coleção Ciências da Educação).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: *Vários Escritos.* Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática.** Ed. 2 São Paulo: Contexto, 2016.

FILHO, F.G. **A educação brasileira no contexto histórico.** 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: atlas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção de sentidos.** 10. ed. São Paulo: Contexto 2016

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1987.

\_\_\_\_\_. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro: 2ª ed., E.P.U., 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Dona Baratinha.** Ed. renov. São Paulo: FTD, 2004. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

. O MINAYO, M. C. S. (Org.). **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORETTO, V P. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências** – 4. ed. Petrópolis: vozes, 2009.

OLIVEIRA, M M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

ROUXEL, A. **Aspectos metodológicos do ensino de literatura**. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Maria Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita, orgs. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. Traduzido por Neide Luzia Rezende.

SILVA, A M.O. C; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores**. Vol. 01, nº 01, Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, 2013, p. 92-101

SILVEIRA, M. I. M. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: suas Implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

YUNES, E. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003

# APÊNDICE



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras



**ProfLetras**  
Unidade Pau dos Ferros

Este questionário visa a traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa que tem como título **LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO** da pesquisadora Jocélia Francisca de Sousa sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Pessoa Sampaio. Os dados dessa pesquisa serão codificados e os sujeitos não serão revelados.

## QUESTIONÁRIO

**1. NOME:**

\_\_\_\_\_

**2. IDADE:** \_\_\_\_\_

**3. NOME DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS:**

\_\_\_\_\_

**4. GRAU DE ESCOLARIDADE DO SEU PAI?**

( ) Nunca estudou ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo

**5. GRAU DE ESCOLARIDADE DE SUA MÃE?**

( ) Nunca estudou ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo

**6. QUAL A PROFISSÃO:**

- DO SEU PAI? \_\_\_\_\_
- DA SUA MÃE? \_\_\_\_\_
- OU DO SEU RESPONSÁVEL (tio, avós, outros): \_\_\_\_\_

**7. SUA FAMÍLIA É BENEFICIADA COM OS PROGRAMAS SOCIAIS?**

( ) Não

( ) Sim ( ) BOLSA FAMÍLIA ( ) BOLSA ESCOLA Outro (citar): \_\_\_\_\_

**8. VOCÊ COSTUMA LER APENAS NA ESCOLA OU QUANDO A ESCOLA INDICA LEITURAS LER EM CASA?**

( ) Sim ( ) Não

**9. TEM LIVROS EM CASA?**

( ) Sim ( ) Não

- SE SIM, APROXIMADAMENTE QUANTOS E QUAIS?

\_\_\_\_\_

---

**10. SEUS PAIS FAZEM LEITURAS COLETIVAS COM VOCÊ?**

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

**11. NO SEU DIA A DIA ALGUÉM TE INCENTIVA A REALIZAR LEITURAS?**

---

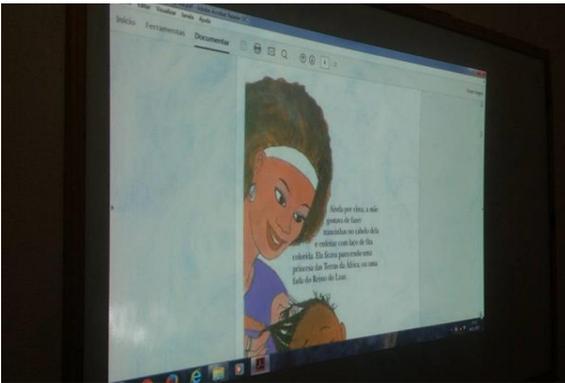
**12. TEM DIFICULDADES COM A LEITURA?**

---

---

# **ANEXOS**











Socialização de leitura extraclasse







Minha opinião sobre o livro

Dona Baratinha de Ana Maria Machado.

Minha opinião do livro foi uma história foi muito boa porque é abundante muito sobre o que Ana Maria Machado fez.

Também, essa história falava sobre dona Baratinha que tinha fita no cabelo e dinheiro na caxinha.

A história começou assim

Um dia Dona Baratinha estava varrendo o chão e também foi varrendo o sótão e encontrou três moedas de ouro, e ela pensava que estava ruim e que já podia casar.

também ela foi com as roupas novas e se apaixonou toda e foi para a família e disse quem quer casar com dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caxinha, daí veio o cavalo e dona Baratinha perguntou quer casar com dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caxinha.

o cavalo disse eu quero e dona Baratinha perguntou como você faz de noite, e o cavalo respondeu imitando dona Baratinha disse daí fora não é tão muito barulho e o cavalo foi embora.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

Minha opinião sobre o livro  
 Dona Baratinha de Ana Maria  
 Machado. Muito bom!

Em dorlei do livro, Dona Baratinha  
 por, que ele fala sobre uma barata que  
 estava batendo a casa e a chorar três  
 moedas.

Ela disse que estava rica e ia  
 de casa. Foi logo se arrumar  
 para ir a janela para arrumar  
 um moio.

Ela começou a cantar e a bater  
 para muitos bichos. Ela não  
 quis casar com ninguém.

IA logo se arrumando quando chegou  
 um rato. Como ele faz pouco  
 barulho ela quis casar com ele.

Ja estava tudo preparado quando  
 João Rato pediu o choro da  
 feijão de ele foi até a cozinha.

Foi até a panela mas caiu na  
 feijoadá. O cozinheiro tirou ele  
 da panela.

Dona Baratinha não quis mais  
 casar com ninguém e se foi feliz  
 para sempre.

Minha opinião sobre o livro  
 Dona Baratinha de Ana  
 Maria Machado.

O livro da Dona Baratinha é  
 muito educativo, nos ensina a história  
 com ela assim.

Ela estava varrendo a casa e encontrou  
 uma moeda, comprou um laço  
 e o resto guardou... Foi procurar o seu navio  
 ela estava a espera da pessoa  
 certa, ela sempre estava dizendo assim  
 Quer <sup>quer</sup> casar com Dona Baratinha que tem  
 laço no cabelo e dinheiro na caixi-  
 nha!

O Bode apareceu e a Dona Baratinha  
 disse.

Como é que você foi a noite  
 o bode disse.

Be, be, be.

Estão vindo outras animais ela não  
 ficou feliz, então no último ela ficou  
 contente.

No dia seguinte depois das  
 várias preparativos, eles quase se  
 casaram mas o Laço Baratinha  
 caiu na parede de felizmente  
 infelizmente ela não se casaram  
 então ela tirou a culpa do  
 casamento ela saiu no caso  
 dela e foi passar na pra-  
 ça.

Minha opinião sobre o livro  
 Dona Baratinha de Ana Maria  
 Machado

Qualidade de Dona Baratinha está  
 muito bom de lá eu gostei muito da história de  
 Dona Baratinha esse conto tem a Dona Baratinha  
 tem o cavalo tem a capa tem o burro  
 tem a vaca em fim de um conto  
 o fim bom.

Ela e ele tinham feito as preparatitas  
 do casamento a dona Baratinha tinha  
 se arrumando para o casamento.

eu achei o final bom e bonito.



QUASE SE AFILIAI DE FEIJO, MAS DE DONA  
 BARATINHA EU FIZ O PERDÃO E A MÃO.